



DECIS – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas
PGHIS – Programa de Pós-Graduação em História

**O inimigo está dentro: Representações anticomunistas no jornal
Gazeta de Minas de Oliveira MG (1960-1969)**

Viviane dos Reis Soares

São João del-Rei

2015

DECIS – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas
PGHIS – Programa de Pós-Graduação em História

**O inimigo está dentro: Representações anticomunistas no jornal
Gazeta de Minas de Oliveira MG (1960-1969)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João Del Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Poder e Relações Sociais

Orientador: Prof. Dr. Wlamir Silva.

Viviane dos Reis Soares

São João del-Rei
2015

DECIS – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas
PGHIS – Programa de Pós-Graduação em História

**O inimigo está dentro: Representações anticomunistas no jornal
Gazeta de Minas de Oliveira MG (1960-1969)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João Del Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Wlamir Silva

Prof.Dr. Rodrigo Patto Sá Motta

Prof.Dr. Ivan Andrade Vellasco

À Tia Cida (in memoriam), minha mãe Nilda e meu filho Vinícius.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por essa conquista, ao meu orientador Prof. Dr. Wlamir Silva pelo apoio e compreensão diante dos desafios no período da redação. Aos professores Dr. Rodrigo Patto Sá Mota e Dr. Ivan Andrade Vellasco pela disponibilidade para compor a banca de defesa, ao amigo Renato João de Souza pela leitura atenciosa e crítica de todos os meus escritos, aos anjos Priscila, Víviam, Dalton, Eliângela e Amanda que cuidaram do meu filho Vinícius para que eu pudesse me dedicar à pesquisa. Ao João Bosco Ribeiro e Elisa Mara Barros Ribeiros, diretores do jornal Gazeta de Minas, que gentilmente cederam o espaço e acervo para minha pesquisa. Aos professores do curso de História da FUNEDI UEMG importantes pilares em minha trajetória acadêmica e a todos os amigos que acreditaram que esse sonho era possível.

Se o único ideal dos homens é a busca da felicidade pessoal, por meio de acúmulo de bens materiais, a humanidade é uma espécie diminuída. Hobsbawn, Eric.

Resumo

A presente dissertação traz uma análise sobre as representações anticomunistas no jornal Gazeta de Minas da cidade de Oliveira MG durante a década de 1960. Diversas representações foram criadas em torno do comunismo visto como grande inimigo da nação e como justificativa para o Golpe Militar de 1964. Uma das questões que moveu este trabalho foi a busca pela compreensão de como a ameaça comunista foi retratada nas páginas do periódico oliveirense que no período em que essa pesquisa esteve voltada era dirigido pela Diocese da Cidade. Foram analisadas cerca de duzentas matérias do jornal que faziam referência ao Comunismo que aliadas ao trabalho com fonte oral tornaram possíveis a discussão sobre as práticas de representação anticomunista numa importante fonte de circulação de notícias e informação para Oliveira e região nesse período. O trabalho aqui realizado permitiu a constatação de que o inimigo vermelho materializado nas páginas do jornal muitas vezes assimilado como algo exógeno, um mal que é do outro, estava cada vez mais dentro do país e que para além dos recursos imaginários para o combate estavam calcados na existência de um perigo que era bastante real.

Palavras chave: anticomunismo representações impresso periódico

Abstract

This task objective is to make an analysis about anticommunist representations in Gazeta de Minas newspaper, located in Oliveira – MG, in decade of 1960. Many representations was created around the communism, sawed like a big enemy of the nation and like a justification for a military blow. One of the questions how move this task was the search for the comprehension about how the communist threat was related in pages of the newspaper Gazeta. At this date, the newspaper was created for the Catholic church. Was analysed approximately 200 features in newspaper, how talk about communism, allied to oral reseraches make possible the discussion about the the practices of communist representations in an important newspaper for Oliveira and region. The task realized allowed the conclusion how the red enemy materialized in pages of the newspaper, a lot of times assimilated like something exogenous, a bad who comes from other, was inside of the country and for outside of imaginary means for the combat was backed in existence of a real danger.

Keywords: anticommunism, representations, printout periodical.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
1 O jornal Gazeta de Minas em Oliveira MG e o papel da Diocese.....	17
1.1 Do surgimento de Oliveira.....	17
1.2 O jornal Gazeta de Minas.....	22
1.3 Da estrutura do jornal e seus principais colaboradores na década de 1960.....	24
1.4 O trabalho com jornais	28
1.5 Religião e política: a imprensa católica	32
2 COLUNA “MARTELANDO”: campanha anticomunista de Monsenhor Leão no jornal Gazeta de Minas	35
2.1 Monsenhor Leão e a coluna Martelando	36
2.2 Comunismo e brasileiro não combinam.....	45
2.3 Igreja Católica: apelo à moral e aos bons costumes.....	
2.4 Partido comunista.....	57
2.5 A guisa de conclusão.....	59
3 REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS NA GAZETA DE MINAS.....	61
3.1 Ano de eleição: momento chave para o combate ao comunismo.....	62
3.2 Cuba: uma ponta de lança no centro das Américas.....	68
3.3 Antecedentes do Golpe: os governos de Jânio e de Jango.....	72
3.4 O Golpe de 1964 e seus desdobramentos.....	84
3.5 A realidade da “revolução vitoriosa”: reflexos de contrariedade na Gazeta.....	87
3.6 O ano de 1968	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

INTRODUÇÃO

Em princípios do século XX, a Revolução Russa deu vista a um governo socialista no qual os revolucionários assumiram o controle do país. O evento e seus desdobramentos foram grandes responsáveis pela disseminação entre as esquerdas dos ideais comunistas. Diretamente ligado à possibilidade de o exemplo russo alcançar outras regiões, os países capitalistas dominantes logo se empenharam na repressão e ataque ao regime. Na mesma direção, seguiu o Brasil que, refletindo a grande influência externa sofrida no período, passou a combater e condenar o comunismo como uma grande ameaça ao país.

Pautou-se, dessa forma, a partir do medo da disseminação do comunismo, a construção de um conjunto de representações e imaginários que embora expressados de diversas maneiras, condenavam um inimigo comum. Assim, como afirma Rodrigo Patto de Sá Motta (2002), foi a força e o crescimento dos partidos e ideais comunistas que engendraram o anticomunismo que “deu origem a instituição de um imaginário próprio, uma conjunção de imagens dedicadas a representar os comunistas e o comunismo¹”.

Em diferentes contextos políticos, principalmente em momentos de crise em que a estabilidade social foi ameaçada, a reação contra o comunismo se fez presente. No Brasil, podemos destacar três momentos de crise em que houve de acordo com Sá Motta um “anticomunismo agudo”: entre 1935-1937 - Intentona Comunista, entre 1946-1950 - Início da Guerra Fria quando o PCB voltou a ser perseguido e em 1964 - Crise que levou ao Golpe Militar.

Em 1937 e 1964, a ameaça comunista foi principal argumento para justificar a quebra da legalidade. O golpe do Estado Novo em 1937, baseado na existência do Plano Cohen disseminou um medo com relação ao comunismo que possibilitou a efetivação do Golpe. Em 1964 o discurso anticomunista também funcionou como esteio para a deposição do governo Goulart. Dessa vez, a política externa desenvolvida por Jânio Quadros foi um dos fatores que fizeram ligar o alerta de perigo aos anticomunistas e a ascensão de João Goulart, presidente considerado de esquerda, simbolizou a possibilidade de concretização das ameaças que já vinham, há muito, sendo combatidas.

¹ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, p.47.

Dentre os principais combatentes do projeto comunista, a ala mais conservadora da Igreja Católica merece destaque. O comunismo representava para o catolicismo uma grande ameaça que desafiava a sobrevivência da religião. “O comunismo não se restringia a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião [...]”². Representava um perigo na medida em que questionava os fundamentos da doutrina católica.

Na realização da presente dissertação, buscou-se uma análise das representações anticomunistas construídas pelo jornal *Gazeta de Minas* da cidade de Oliveira-MG, disseminado na região durante a década de 1960, período no qual, o jornal estava de posse da Diocese. Privilegiamos essa década como marco temporal, levando em consideração o fato de ela ser marcada por um Golpe Militar que, se baseou dentre outras questões, no discurso anticomunista, e que modificou a estrutura política vigente no país.

Com relação ao comunismo, essa década também é marcada pelos desdobramentos de eventos no plano internacional como, por exemplo, a Revolução Cubana. Outro fato também importante de se mencionar com relação à escolha desse período para a pesquisa é o fato de o jornal *Gazeta de Minas* estar nesse momento sobre administração da Diocese de Oliveira assumindo um cunho totalmente religioso mais propriamente dito, católico.

A opção por encerrar nosso marco teórico em 1969 se deu em razão da redução do número de matérias com essa abordagem nas páginas do periódico analisado. Antes da efetivação do Golpe, e nos anos subsequentes foi importante um combate mais ferrenho ao comunismo até mesmo como uma forma de justificar a ação dos militares. Contudo, após anos de ditadura militar, não eram mais necessárias tantas forças para legitimar o regime que já havia sido consolidado.

Levando em consideração os vários sentidos atribuídos ao comunismo e os vários significados que cercam o imaginário anticomunista, buscou-se nessa dissertação compreender qual comunismo o jornal *Gazeta de Minas* quis combater durante a década de 1960 e através de quais representações anticomunistas se deu esse combate. Analisamos também a importância que essas representações obtiveram dentro de um processo de busca pelo jornal em legitimar o Golpe Militar de 1964 junto aos seus leitores, os moradores de Oliveira e região.

² *Ibidem*, p.20.

Inicialmente, nossa intenção era pesquisar as representações sobre o Golpe de 1964 no jornal. Contudo, num primeiro contato obtido com a fonte, através de participação num projeto iniciado em 2009 na cidade de Oliveira, denominado “História Contemporânea de Oliveira”³, causou-nos surpresa a grande quantidade de artigos nos jornais se posicionando contra o comunismo.

Na verdade, a leitura das narrativas sobre o Golpe de 1964 no jornal *Gazeta de Minas* é possível quase que essencialmente através de artigos anticomunistas. O golpe que marca a década de 1960 no Brasil é mostrado de forma a ser justificado pela ameaça que o comunismo exercia no momento. Foi a partir dessa análise preliminar com a fonte que se direcionou a pesquisa para a análise das representações sobre as ameaças do perigo vermelho.

Chamamos a atenção para o grande alcance e disseminação dos discursos apresentados pelo jornal na cidade de Oliveira num período em que, de acordo com relatórios da ATO, Associação dos Telespectadores de Oliveira⁴, a cidade contava com aproximadamente 300 possuidores de aparelhos de televisão apenas sendo que, de acordo com o Censo Escolar de 31/10/1964⁵, a população da cidade estava em torno de 15.635 pessoas. Outra questão interessante a se considerar é o fato de que a rádio da cidade à época, Rádio ZYS-4, importante meio de comunicação no período, estava totalmente ligada à administração do jornal, ocorrendo de ser muitas vezes o locutor da rádio, colunista e colaborador do periódico.

Existem hoje vários trabalhos que abordam a temática do comunismo, porém ainda são poucos que se direcionam para a questão do imaginário anticomunista. Ainda assim, muitos trabalhos que assumem essa abordagem, como no livro “Em guarda contra o perigo vermelho” de Rodrigo Patto Sá Motta⁶, o fazem a nível nacional e até mesmo regional como na pesquisa de Carla Rodeghero⁷ voltada para o Rio Grande do Sul sendo reduzido o número de trabalhos levem essa análise para o âmbito regional. Nessa perspectiva, a presente dissertação baseou-se numa análise regional, que

³ Projeto financiado pela Eletrobrás. Seu objetivo maior foi a publicação do livro “História Contemporânea de Oliveira” que englobou um período de 50 anos compreendendo 1961 a 2011. O jornal *Gazeta de Minas* foi uma das fontes de pesquisas utilizadas na produção do livro.

⁴ *Gazeta de Minas*, 15.11.64, p.3.

⁵ *Gazeta de Minas*, 29.11.64, p.4.

⁶ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, p.47.

⁷ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. 2. ed. Passo Fundo: Ediupf, 2003.

valorizando a compreensão das particularidades da região de circulação do jornal refletindo sobre a importância dessas representações como constituinte de uma “verdade” para a população.

Analisar as representações anticomunistas no jornal *Gazeta de Minas* permitiu ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o papel assumido pela mídia nesse período. Discussão essa, que adquire muita importância no momento atual, num contexto em que a mídia assume grande relevância e que o entendimento do seu papel enquanto agente social e político pode possibilitar um questionamento sobre a sua atuação e sobre a sua história permitindo uma leitura mais crítica e reflexiva pela sociedade.

Sendo esse impresso um dos mais importantes meios de comunicação da cidade de Oliveira e região partimos do pressuposto que, a partir de suas notícias e informações foram sedimentados na memória das pessoas, determinados imaginários relacionados ao anticomunismo, o que reforça a importância em buscar a compreensão de quais características esse imaginário assumiu e quais as peculiaridades do ataque ao comunismo podem ser observadas nesse impresso. Em suas páginas, analisamos a forma como foi pintada a imagem do comunismo, ou seja, o que estava por trás da definição para essa corrente ideológica que a direção do periódico queria imprimir e quais as suas características fundamentais.

Sabemos que não existe uma homogeneidade nas formas como o comunismo foi interpretado e representado ao longo dos tempos. Existem sim, algumas categorias de representações sobre essa ideologia que são recorrentes mesmo em contextos diferentes. Contudo, conforme apuramos em nossas pesquisas, o significado dado ao conceito comunismo esteve passível a alterações, principalmente em razão daquilo que se constituísse em determinado contexto uma ameaça maior à sociedade na qual esse discurso estava sendo produzido e disseminado.

Nessa direção, percebemos que a edição do jornal *Gazeta de Minas*, desenhou um monstro do qual ela, por meio de suas publicações, pretendia combater resguardando a sociedade dos males que estariam por vir caso este monstro ganhasse força e se infiltrasse na região.

O fato de o impresso ser administrado pela Igreja Católica no período analisado e trazer um discurso anticomunista pode em si ser algo óbvio, esperado para a maioria dos jornais católicos da época. Mas, nosso foco não se resume na posição defendida pela igreja através do jornal e sim na forma de defender essa posição.

Especificamente o que aqui nos chamou a atenção e nos instigou a pesquisar foi a busca pela compreensão de até que ponto os acontecimentos em Oliveira aproximaram-se ou distanciaram-se dos acontecimentos do país, de entender qual a linguagem utilizada pelo jornal para o combate ao comunismo e o que poderia estar escondido por trás dessa posição sustentada pelo impresso.

A realização de uma pesquisa como a que aqui se propõe, no plano regional é uma forma de valorizar e de ressignificar o local e sua dinâmica inseridos no contexto mundial. É perceber pequenas regiões enquanto palco de acontecimentos e não apenas como algo estático, morto.

O trabalho que aqui se segue foi organizado da seguinte maneira: Em nosso primeiro capítulo, trazemos um histórico da cidade de Oliveira- Minas Gerais, nossa delimitação espacial. Buscamos problematizar a importância da cidade com relação ao seu entorno, as relações políticas presente nela e a questão religiosa refletida em seu posicionamento enquanto sede da Diocese. Ainda nesse capítulo dispensamos um espaço ao jornal *Gazeta de Minas*, seu surgimento, sua história, sua projeção regional bem como sua importância enquanto principal meio de comunicação escrita na região durante a década de 1960.

Serão discutidas questões referentes à sua atuação na propagação de uma posição pela Igreja católica e sua atuação de combate ao comunismo bem como uma breve discussão sobre os conceitos de representação e imaginário e sobre o papel desempenhado pela imprensa católica nas questões políticas nacionais.

No segundo capítulo, trazemos uma análise direcionada à coluna “Martelando”, escrita por Monsenhor Leão Medeiros Leite que assinava como Zé Canela de Ferro. Monsenhor era irmão e braço direito do então bispo da cidade Dom José Medeiros Leite. Durante a década de 1960, dirigiu a Gráfica Santa Cruz mantenedora da *Gazeta de Minas* e usou sua coluna semanal no jornal para expressar sua opinião em relação ao comunismo e difundir um imaginário anticomunista na cidade.

No terceiro e último capítulo trazemos uma análise de nosso objeto de pesquisa ao longo da década de 1960. Optamos por trabalhar as representações anticomunistas no jornal *Gazeta de Minas* em relação a alguns conceitos-chave. Uma das razões para essa escolha é o fato não nos determos a apenas uma parte do jornal como, por exemplo, o editorial ou uma coluna específica. Devido à falta de sequência na disposição das

matérias do jornal, optamos por trabalhar com todas as reportagens encontradas que se encaixassem dentro dos conceitos estabelecidos para análise.

Na verdade, a divisão aqui estabelecida acaba por abarcar a grande maioria das matérias anticomunistas, mas especificamos essa questão para não incorrerem no risco de deixar alguma temática presente no jornal descoberta no sentido de análise. Outra razão que justifica nossa opção reside na alternância de certas colunas nas edições. Existiam colunas fixas, mas também colaboradores que escreviam com menos frequência. Algumas colunas foram substituídas por outras muitas vezes conservando uma linha de pensamento, outras não.

Apresentamos então, como balizas para análise das representações do imaginário anticomunista os seguintes momentos históricos: Pré-golpe; Golpe e pós golpe; política externa; Reformas de Base, o AI-5; 1968. O trabalho com as matérias do jornal foi feito em conjunto com um aporte da historiográfica sobre o período.

CAPÍTULO 1

O JORNAL GAZETA DE MINAS EM OLIVEIRA E O PAPEL DA DIOCESE

A principal fonte utilizada na pesquisa que aqui se apresenta foi o jornal *Gazeta de Minas* cuja sede se localizava em 1960 e ainda se localiza na cidade de Oliveira MG, permanecendo com a distribuição semanal. Durante o marco temporal no qual essa pesquisa esteve inserida, o jornal estava de posse da Diocese de Oliveira que por meio de sua gráfica se envolvia tanto na edição quanto na produção do impresso. Nesse primeiro capítulo buscamos localizar no tempo e espaço a nossa fonte e objeto de pesquisa buscando relacionar o envolvimento da religião, por meio da atuação na Diocese com o campo do político através das representações em matérias publicadas no periódico.

1.1 Do surgimento de Oliveira

A descoberta do ouro foi sem dúvida o fator decisivo para o surgimento dos primeiros arraiais de Minas Gerais, contribuindo posteriormente para a formação das vilas e conseqüentemente o desenvolvimento de nossas primeiras cidades. Diferentemente de muitas cidades mineiras, a exploração do ouro não encontrou em Oliveira um local propício. Pelo contrário, o surgimento dessa cidade é marcado na verdade pela decadência da exploração do ouro nas Minas Gerais.

A busca por novas terras para exploração aurífera fez com que aventureiros dessem início ao surgimento de novas trilhas pelo sertão adentro, rumo a Goiás que foi se constituído em um novo pólo minerador, uma vez decadente a exploração dos locais que seduziram para Minas uma grande leva de pessoas que vislumbravam a possibilidade de riqueza.

A posição geográfica privilegiada, como no caso do surgimento de muitas cidades mineiras, foi um fator decisivo para o surgimento em aproximadamente 1736, daquilo que mais tarde se tornaria a cidade de Oliveira. Um local se constituía num importante cruzamento de estradas que ligavam as principais províncias do estado

colonial como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. De acordo com Saint-Hilaire⁸, viajante francês que por aqui passou em 1819, esses caminhos ligavam Barbacena à Vila de Formiga, o distrito do Rio Grande à Vila de Pitangui, o Rio de Janeiro e São João Del Rei a Goiás, dentre outros.

A existência dessas trilhas de ligação de diferentes e importantes pontos da colônia, bem como o surgimento de diversos novos caminhos fez do lugar um importante trajeto percorrido por comboios de escravos, boiadas e tropas bem como pelo transporte de diversas mercadorias como sal, toucinho, aguardente pelos mascates em seus carros de boi e dos comboios que transportavam o gado. De acordo com Heraldo Laranjo, esses fatores contribuíram para a introdução da pecuária no nascente núcleo populacional desenvolvendo-se também a lavoura e o comércio contribuindo para a criação do arraial⁹.

Sobre a formação do lugar, afirma o Dr. Leite e Oiticica, em seu livro “Notas sobre o município de Oliveira”, publicado em 1882:

Os primeiros colonizadores da província de Goiás, em demanda das paragens das quais havia notícia de que possuíam ouro e brilhante, abriram uma picada por onde era feito o trânsito de tropas de seu comércio. Atraídos, não se sabe ao certo, se pela bondade da água que jorra das fontes naturais, se pela beleza da localidade ou pela salubridade dessa colina, faziam na chapada pequena, formada por três morros, a leste, norte e sul e uma esplanada a oeste, ponto de pouso às tropas, e denominavam a esse lugar – A Picada de Goiás¹⁰.

Embora José Oiticica refira-se à cidade com o nome Picada de Goiás, esse nome de acordo com Heraldo Laranjo, designava um caminho, ponto de partida para o desbravamento da ocupação dessas terras. O nome da cidade na interpretação mais difundida na região é que seria justamente uma referência à essas paragens de tropas e comboios. Teria no local uma pousada da Dona Maria de Oliveira que descendente de portugueses possuía grande devoção por Nossa Senhora de Oliveira. Uma versão mais questionada para nome seria em função da existência de plantações de árvores de

⁸ FONSECA, Luiz Gonzaga da. *História de Oliveira*, 1961.

⁹ LARANJO, Heraldo Tadeu. “Arquitetura e Urbanismo”, In: ALMEIDA;RIBEIRO. *História Contemporânea de Oliveira*. Oliveira: Editora Gazeta de Minas, 2011.

¹⁰ OITICICA, Francisco de Paulo Leite e. *Notas sobre o município de Oliveira*. Rio de Janeiro: Mateus Costa e Cia. 1882, p.15.

Oliveira o que não se sustenta em virtude do clima mais quente da região uma vez que essas árvores demandam um clima mais ameno para sua frutificação.

De Vila de Oliveira em 19 de setembro de 1861, Oliveira torna-se uma cidade emancipando-se da Vila de São José Del Rey, hoje Tiradentes. Ao se tornar comarca, Oliveira possuía onze distritos, sendo eles: Nossa Senhora do Carmo do Japão (Carmópolis de Minas), Nossa Senhora do Carmo da Mata, Nossa Senhora da Glória do Passatempo, Nossa Senhora da Aparecida do Cláudio, Nossa Senhora do Bom Sucesso, Santana do Jacaré, Santo Antônio do Amparo, Perdões, Cana Verde e São Francisco de Oliveira.

No início do século XX, em referência às suas construções, herança do período imperial bem como o poder político exercido na região, Oliveira recebia grande importância no cenário mineiro. Sobre o assunto, o escritor Oliveirense Paulo Pinheiro Chagas registrou em seu livro: *Esse velho vento da aventura*¹¹ que a grandeza e projeção da cidade devem-se à cultura e a política. Segundo Chagas,

[...] é uma cidade importante para os padrões provincianos. Tem sua luz elétrica, uma das primeiras inauguradas em Minas; possui uma estrada de Ferro, construída pela iniciativa privada [...] orgulha-se de seus estabelecimentos de ensino, muito especialmente, a Escola Normal, uma das mais antigas e afamadas do Estado, tão cheia de serviços à inteligência e à cultura do povo mineiro; e faz praça de seu jornal, a *Gazeta de Minas* [...] de larga projeção nos meios intelectuais e políticos¹².

Como afirma Chagas, a Escola Normal foi sem dúvidas de grande importância para projetar a cidade no cenário mineiro. Famílias vinham de longe para que suas filhas estudassem aqui. O jornal *Gazeta de Minas* que também tinha grande alcance na região contribuiu para que Oliveira fosse importante referência isso aliado ao grande número de distritos que tornavam a cidade bem mais extensa que os limites que hoje possui. Atualmente, dos onze distritos anteriormente citados, apenas um, Morro do Ferro pertence a Oliveira.

Com relação à projeção política, o próprio Paulo Pinheiro Chagas foi exemplo disso. O médico foi um membro fundador da UDN-União Democrática Nacional. Em

¹¹ CHAGAS, Paulo Pinheiro. *Esse velho vento da aventura*. Livraria J.Olympo Editora, 1977.

¹² *Ibidem*.

1950 mudou de partido e ingressou no Partido Social Democrático PSD e elegeu-se deputado federal por seu estado sendo reeleito em 1954. Em 1946 assumiu a secretaria de segurança pública de Minas Gerais. Foi reeleito deputado federal em 1958 e 1962 e em 1963 ocupou o cargo de ministro da saúde de João Goulart. Após a queda de João Goulart em 1964 ingressou na Arena e foi reeleito deputado em 1966, oportunidade na qual construiu o hospital de Oliveira.

Com o passar dos anos, além da Linha Férrea antecipada em Oliveira pela iniciativa privada, outro setor de associado à locomoção, colocava Oliveira em destaque na redondeza. No ano de 1959 a Fernão Dias (BR 381) era inaugurada pelo presidente Juscelino Kubistchek facilitando o acesso a Oliveira entremeio à rodovia que liga Belo Horizonte a São Paulo.

Durante a década de 1960, Oliveira totalizava aproximadamente 15635 pessoas e continuava como importante referência para as cidades vizinhas seja por suas escolas, pelo Seminário Santíssima Trindade, pelo Tiro de Guerra, pelo hospital e instituições bancárias como o Banco do Brasil inaugurado na cidade em 1961 por ocasião do seu centenário.

Sua localização estratégica aliada à sua projeção política foi justificativa para a obtenção muitas conquistas, embora, por outro lado é necessário dizer também que a posição estratégica não foi em alguns momentos suficiente para impedir a perda de várias dessas, como por exemplo, o Instituto Gâmmon que cogitou a possibilidade de se instalar aqui tendo sido expulso por lideranças religiosas.

Neste contexto, Oliveira era uma cidade marcada pela tradição católica. Em seu livro *História de Oliveira*, de 1961, Luiz Gonzaga da Fonseca afirma que “um dos aspectos mais interessantes de Oliveira é a homogeneidade confessional”¹³. Gonzaga completa ainda que, “desde que se ergueu, à imagem de seu primitivo caminho de tropeiros, a sua primeira capelinha, nunca mais esta terra afastou da sua crença inicial. Católica, apostólica, romana, sempre”¹⁴. A análise de Fonseca mostra a religiosidade em Oliveira do ponto de vista de um homem católico deixando de lado a realidade do contexto em que escreve, que é marcado pelo surgimento de outras vertentes religiosas.

Contudo, o mesmo autor cita tentativas dos evangélicos em se fixarem aqui, como no caso em que Samuel Gâmmon e G.W. Chaberlain realizaram algumas

¹³ FONSECA, Luiz Gonzaga da. *História de Oliveira*, 1961, p.309.

¹⁴ *Ibidem*.

conferências num hotel da cidade. De princípio eles foram educadamente ouvidos pela população, mas por fim foram rebatidos pelos moradores bem como pela imprensa local que divulgou várias notas contra os protestantes¹⁵.

Nos anos subsequentes, inclusive durante a década de 1960, Oliveira esteve empenhada no combate de propagação de cultos evangélicos como podemos perceber na nota a seguir: “Cuidado! As Testemunhas de Jeová fazem visita à Oliveira de Nossa Senhora” no qual a tentativa de se estabelecerem em determinadas regiões é comparada com a dos comunistas: “Nos seus esforços para se estabelecer, nenhum movimento moderno, salvo o dos comunistas pode rivalizar com as Testemunhas de Jeová nas técnicas de se mascarar”¹⁶. De acordo com a matéria, ambos, comunistas e testemunhas de Jeová seriam habilidosos na arte do disfarce para se infiltrar na população e por isso demandavam cuidados, fé e oração por parte da população.

No ano de 1941 a criação da Diocese de Oliveira foi de extrema importância para selar a fé católica na cidade. Para presidi-la veio para a cidade Dom José Medeiros Leite, trazendo consigo seu irmão e braço direito Monsenhor Leão Medeiros Leite. No período em que esteve à frente da Diocese, Dom José tomou uma série de medidas voltadas para as causas da caridade. Foi também por suas mãos que o semanário *Gazeta de Oliveira* foi adquirido pela Diocese passando mais tarde a se chamar *Gazeta de Minas*.

As mudanças ocorridas no seio Igreja durante a década de 1950 demonstraram um esforço do catolicismo na defesa dos direitos sociais e humanos¹⁷. Nesse caminho, prosseguiu D. José que inserido no movimento denominado Ação Católica realizou várias obras assistenciais como a Obra de Assistência aos Mendigos, Oficina São José de marcenaria dentre várias outras campanhas.

Imbuído nesse espírito de renovação da Igreja, Dom José promoveu as Semanas Ruralistas e Semanas dos Fazendeiros iniciadas em Santo Antônio do Amparo e se estendendo por toda a Diocese que na época contava com 19 paróquias. Foi de sua autoria também a criação do Seminário Santíssima Trindade que assim como o Colégio Normal, passou a atrair muitas pessoas para a cidade interessadas na formação para o Sacerdócio.

¹⁵ *Gazeta de Minas*, 27 de março de 1892.

¹⁶ *Gazeta de Minas*, vinte e seis de setembro de 1967.

¹⁷ DELGADO; PASSOS. Catolicismo e direitos humanos (1960-1970) In: FERREIRA; DELAGDO. *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Desenvolver-se-ia na *Gazeta de Minas* uma coluna dedicada às questões sacerdotais a Coluna O.V.S. Organização das Vocações Sacerdotais na qual semanalmente na segunda página do Semanário notícias do Sacerdócio eram divulgadas além do incentivo dado aos jovens para que buscassem esse caminho, ingressando no seminário.

Além da coluna específica citada acima, a Diocese se fazia presente no jornal em vários outros momentos. Um grande número de matéria de capa do periódico trazia notícias da Igreja como recepção da imagem de alguma Santa, chegada de Padres na cidade, programação de eventos religiosos dentre outros.

1.2 O jornal *Gazeta de Minas*

Fundada pelo português Antônio Fernal, a *Gazeta de Oliveira* nome com o qual foi batizada, foi inaugurada em 4 de setembro de 1887 marcando um novo período na história da cidade caracterizado pelo que foi denominado por Luiz Gonzaga da Fonseca como um “ensaio de emancipação cultural”. Como afirma Fonseca, a cidade de Oliveira, “começa a sair da tutela sanjoanense¹⁸: é criada no lugar uma imprensa própria, que logo, pelas colunas da *Gazeta de Oliveira*, começa a difundir uma cultura oliveirense propriamente dita”¹⁹.

O jornal alcançou rapidamente aceitação pública, sendo um dos principais difusores de informações tanto de âmbito nacional como internacional para Oliveira e todo o Estado. Devido a sua abrangência e ao fato de não se limitar a noticiar e circular somente em Oliveira, local de edição, houve a conveniência de mudança de nome. O jornal passara a se chamar *Gazeta de Minas*, nome que sustenta até hoje. A *Gazeta*, como afirma Gonzaga, nasceu para ser um jornal sob rótulo menos oliveirense, porém mais mineiro.²⁰

Com a morte de seu fundador, Antônio Fernal, a *Gazeta* foi vendida, passando a partir daí pelas mãos de políticos locais. Nesse período percebe-se em suas edições forte inclinação política do veículo oliveirense, principalmente na fase em que se encontra

¹⁸ Referente a São João Del Rei

¹⁹ FONSECA. *História de Oliveira*, 1967, p.239.

²⁰ *Ibidem*, p.242.

sob direção de Djalma Pinheiro Chagas, político local que assumiu no governo de Artur Bernardes a pasta da agricultura. Em 1950 o periódico foi doado para Santa Cruz Publicidade Ltda da Diocese de Oliveira. A partir daí, o jornal passa a assumir um cunho religioso, mais propriamente católico.

A partir do ano de 1964 com a instauração da ditadura militar no país, através de um golpe civil militar, a Gazeta de Minas pode-se observar que o periódico assume uma postura anticomunista com forte apologia ao regime ditatorial.

Na década de 1970, Gazeta é então passada para as mãos de Gumercindo da Silveira se desvinculando da Gráfica Santa Cruz. É nesse momento que os noticiários perdem o rótulo de mineiro denominado por Fonseca e se volta mais para a cidade de Oliveira. O jornal que constituía um dos principais meios de informação, com o advento tecnológico e a invenção da televisão em cores, que marca o início do processo de globalização da informação, começa a perder a reduzir seu noticiário para questões regionais. Em 1986, João Bosco Ribeiro, é convidado por Gumercindo para ditigar a Gazeta de Minas. A partir daí, João Bosco assume a direção do jornal, começando a escrever seus primeiros editoriais. Em julho de 1998, a GM empresa jornalística assume a propriedade do jornal permanecendo até os dias de hoje.

O jornal, considerado o mais antigo periódico de Minas Gerais²¹, ainda em circulação, cobriu importantes eventos da história brasileira. Na edição de 20 de maio de 1888 o jornal noticiou a abolição da escravidão, instituição que permaneceu por muito tempo no país. Ainda no século XIX a Gazeta de Minas noticiou para os mineiros, a Proclamação da República. No século XX a primeira Guerra mundial em 1914, a Revolução de 1930 ocorrida no Brasil e o Golpe Militar de 1964 são outros fatos importantes noticiados pela gazeta oliveirense. A revolução de 30 ocupou várias edições do jornal sendo que seu proprietário Djalma Pinheiro Chagas participou do movimento.

Pelas páginas da Gazeta, foi possível analisar a partir das perspectivas oferecidas pelo jornal como se deu a organização da cidade de Oliveira tanto no que concerne ao social, ao político, e ao cultural. Em cada período administrativo pode se perceber também, as diferentes tendências do jornal sendo uma abertura interessante para se trabalhar a questão de representação e a interpretação dadas aos eventos ao longo da história da *Gazeta de Minas*.

²¹ MIRANDA; NOGUEIRA. *Centro-Oeste Mineiro: História e cultura*, 2008, p.209.

A tiragem do jornal atualmente é de 1500 exemplares sendo distribuídos em Oliveira e região. Ainda hoje a *Gazeta* continua sendo a principal mídia escrita utilizada pela comunidade oliveirense, sendo parte constituinte da História da cidade e da construção de uma memória coletiva a partir de informações geradas por esse veículo.

O acervo histórico da Gazeta de Minas foi no ano de 2006 digitalizado estando acessível para consultas. Esse acervo composto de mais de 38.000 exemplares oferece possibilidades do estudo tanto referente à atuação e desenvolvimento do jornalismo mineiro como também no campo da história a partir de diferentes abordagens e perspectivas. A Gazeta constitui uma grande fonte para se pensar o desenvolvimento da mídia escrita em Minas Gerais desde os fins do século XIX. Apesar do grande acervo existente, esse jornal ainda é pouco explorado. Acreditamos que esse periódico possa ter grande utilidade como fonte de pesquisa.

Foi apostando nesse potencial que o utilizamos como fonte para a redação da presente dissertação de mestrado na qual foram abordadas as representações anticomunistas no jornal Gazeta de Minas durante a década de 1960. Essa abordagem abre possibilidades de interpretação das formas de atuação do jornalismo no interior mineiro, de como um a construção de um imaginário anticomunista foi realizada nas pequenas cidades do país. Essa é apenas uma das possibilidades de se trabalhar com esse material e esperamos que possa abrir caminhos para outras novas pesquisas.

1.3 Da estrutura do jornal e seus principais colaboradores na década de 1960

O jornal *Gazeta de Minas* circulava por Oliveira MG e região semanalmente com tiragem de aproximadamente 1400 jornais²². Suas edições continham predominantemente seis páginas podendo chegar a oito ou dez em épocas comemorativas como Natal e aniversário da cidade como também ter seu número reduzido em períodos de maior aperto financeiro.

Durante a década de 1960 pertencia à Gráfica Santa Cruz Publicidade Ltda empresa que por sua vez era administrada pela Diocese de Oliveira. Sua inclinação religiosa firmada pela sua direção bem como pelos artigos e colaboradores que nela

²² Segundo informações do ex-funcionário Waldir Bernardino em entrevista cedida a Viviane dos Reis Soares, 2014.

redigiam vinha impressa em seu cabeçalho por meio de um versículo bíblico como mostrado na imagem a seguir.



A produção do jornal semanal ocorria aproximadamente uma semana antes da impressão quando eram coletadas todas as colaborações e texto de colunistas. De acordo com ex-funcionário Waldir Bernardino, o início a impressão demandava um grande número de funcionários, pois o jornal era feito a mão com a utilização de tipos gráficos.

Quem mandava matéria tinha que mandar no fim de semana anterior. Quem fazia o miolinho. As matérias de destaque, do Monsenhor Leão, Baptista Gariglio, Gumercindo da Silveira no máximo tinha que chegar até quarta feira. A matéria do Monsenhor chegava na terça. Os jornais também mandavam pra gente²³.

A partir do relato acima, do Sr. Bernardino podemos perceber que não há uma organização em nível de formatação do jornal visando um padrão gráfico, esteticamente falando e até mesmo em nível do conteúdo da matéria. Existia a predominância de certas matérias em determinados espaços, mas era algo bastante flexível. A Coluna “Informando e Comentando” do Monsenhor Leão figurava na terceira página do jornal, lugar privilegiado, pois no aspecto visual é a segunda página de frente para o leitor. O que definia na hora da formatação do jornal era a importância do assunto, associada à credibilidade dada ao jornal pelo colaborador. Como o próprio Sr Waldir Bernardino cita, as matéria do Monsenhor, do Gumercindo da Silveira eram destaque.

Durante a década de 1960, Monsenhor Leão acompanhava a edição e produção do jornal, mas seu redator era Gumercindo da Silveira. Quando interrogado sobre a pessoa do Monsenhor Leão, nosso entrevistado titubeou ao responder:

Monsenhor era bravo... Era uma doçura de pessoa mas, quando ia fazer alguma coisa era uma precisão absoluta. Quando ele chegava na

²³ BERNARDINO, Waldir. Entrevista concedida a Viviane dos Reis Soares, 2014.

gráfica, Jesus! Punha a gráfica em pandemônio. Verificava tudo. Se percebesse uma letrinha diferente da outra mandava desfazer tudo²⁴.

Pelo que nos conta o ex-funcionário da Gazeta, Monsenhor fiscalizava todo o trabalho e seu rigor estremecia a gráfica quando ele chegava. Ao mesmo tempo em que o chama de bravo, revela que ele era uma pessoa doce. Provavelmente ele quis justificar que sua braveza está ligada ao lado profissional.

No sentido religioso, Gumercindo da Silveira, redator e colunista do jornal, seguia a risca as instruções e orientações do período. Gumercindo foi importante líder católico na cidade participando ele inclusive da fundação do Movimento Familiar Cristão²⁵ em março de 1960, tendo trabalhado na Gráfica e editora Santa Cruz Ltda pertencente à Diocese e mantenedora do jornal.

Foi ele que, num momento de crise da Gráfica, recebeu o jornal *Gazeta de Minas* na década de 1970, como pagamento por seus direitos trabalhistas num momento crítico vivido pela Gráfica. Em sua coluna “Informando e comentando” que figurava na primeira página do jornal, o então redator da Gazeta publicava semanalmente as notícias do Brasil e do mundo, sempre acompanhadas por seu posicionamento que ia de encontro com a influência católica na época.

As paginas do impresso oliveirense contou com grande rotatividade de seus articulistas. Uma das explicações para essa questão é que a atividade dependia da boa vontade destes em contribuir para as edições. O fato é retratado nas páginas do jornal numa tentativa de conseguir aumento em seus colaboradores.

A imprensa do interior sofre com a falta de colaboradores, Não que não os tenhamos. Temos e bons. Infelizmente o comodismo e a preguiça intelectual não deixam. Sempre que batemos às portas de alguns, recebemos logo a resposta negativa. Vez o outro aparece um, para sumir logo em seguida. Poderíamos ter um excelente corpo de redatores cobrindo todos os setores da vida cidadina, do que muito lucraria Oliveira e os leitores²⁶.

É importante mencionar, que esses colaboradores que o jornal almejava faziam parte de um grupo seletivo de pessoas da cidade, de influência política, como os

²⁴ BERNARDINO, Waldir. Entrevista concedida a Viviane dos Reis Soares, 2014.

²⁵ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de março de 1960, p.1.

²⁶ *Gazeta de Minas*, um de setembro de 1963, p.1.

vereadores Décio Carvalho Mitre, Emílio Haddad Filho, de influência cultural e religiosa como o poeta Márcio Almeida, o escritor Hugo Pontes e membros da Diocese e de influência econômica como Benedito Luz, proprietário da loja Eletrodoméstica e também locutor da rádio ZYS-4.

Dentre esses colaboradores, citaremos aqui os que mais publicaram matérias de caráter anticomunista apesar de muitas das matérias analisadas não possuírem autoria. Além de Monsenhor Leão, de quem tratamos acima, cuja coluna analisamos em um capítulo a parte nessa dissertação e de Gumercindo Silveira que também teve sua atuação retratada acima, serão tratados aqui os colunistas Oliva, J. Albanez e Emílio Haddad Filho.

A coluna “Praça XV” do Oliva parecia-se com a coluna de Gumercindo da Silveira. Abordava em pequenas notas vários assuntos atuais na época. Eram textos curtos nos quais comentava o cenário mundial sempre fazendo críticas com uma boa dose de humor e exagero. A URSS com relação à Cuba era chamada de papai grande, Fidel Castro de barbudo sanguinário. Por vezes exigia uma reação da sociedade sobre algum aspecto por ele tratado ou depois de impor suas críticas sobre determinado assunto, jogava a questão para o leitor com perguntas como, “E agora, meus amigos, em quem votaremos?” O homem que assinava por Oliva era engenheiro do DNER, em Oliveira Baptista Gariglio, amigo de Gumercindo da Silveira.

Bem mais sério que Oliva, um colaborador do jornal ponderava também sobre o cenário atual. Sua posição sobre os assuntos se expressava numa inclinação extremamente católica. Os textos eram mais longos, mais argumentados. Tratavam de política, orientava para eleição e defendia o patriotismo do seu ponto de vista: “Patriota não é também aquele que vocifera contra os EE.UU. e grita vivas à Rússia”²⁷. J. Albanez, a forma como assinava seus textos, era o padre José Albanez reitor do Seminário da Santíssima Trindade.

O último colaborador aqui citado é Emílio Haddad Filho. Advogado e político por duas vezes deputado estadual foi vereador em Oliveira no período entre 1962 e 1966. Publicou vários textos alertando para a ameaça comunista no Brasil e comemorou em alguns artigos a vitória do Golpe. Num momento de radicalização da direita. Emílio emite em seus escritos sinais de descontentamento com os novos rumos intercedendo em prol da população mais carente do país.

²⁷ *Gazeta de Minas*, dezoito de setembro de 1960.

Por muitas vezes o jornal recorreu a outros impressos publicando suas matérias, transcrevendo trechos. Essas matérias eram extraídas de jornais católicos ou daqueles que apresentavam uma mesma linha do jornal. Esse artifício podia ser uma forma de suprir as lacunas deixadas pela falta de colaboradores bem como engrandecer o jornal com matérias de outros impressos de grande repercussão. De acordo com Waldir Bernardino, foram poucas as vezes que o jornal fizera isso de copiar matéria de outro jornal, técnica chamada por ele de ‘barriga’: “A gente fazia isso para ter uma corrente de ideia”²⁸. Apesar dessas artimanhas do jornal, podemos afirmar que a corrente de ideia da qual fala Bernardino, passou a existir desde que a Gazeta foi adquirida pela Diocese. Uma corrente antenada com as propostas da Igreja Católica antes de qualquer coisa.

1.4 O trabalho com jornais

O trabalho utilizando o jornal como fonte de pesquisa para a história do Brasil começa a ganhar espaço, ainda que timidamente, na década de 1970 embora questões como introdução da imprensa, difusão e itinerário já contava com uma bibliografia significativa. “Reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História **da** imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História **por meio da** imprensa.”²⁹

Vários fatores podem estar ligados a esse receio inicial de se trabalhar com os periódicos. Uma questão importante a ser pensada é a incessante busca pela verdade dos fatos. Acreditava-se que os documentos oficiais fossem fontes privilegiadas dessa verdade. Essa concepção foi bastante criticada o que não gerou de imediato, um reconhecimento do grande potencial para a pesquisa que teria a imprensa. No contexto atual, podemos perceber uma crescente mudança com relação ao uso dos jornais enquanto fonte de pesquisa levando em consideração o fato de os impressos manterem guardadas as memórias de uma época, de um contexto.

De maneira geral, os jornais não se limitam a noticiar o fato. Possuem poder de dar novas dimensões a ele, influenciando a opinião pública. Analisando as páginas do jornal ao longo de sua produção, percebemos que a matéria jornalística ultrapassa os

²⁸ BERNARDINO, Waldir. Entrevista concedida a Viviane dos Reis Soares, 2014.

²⁹ LUCCA, Tânia Regina de. A História dos, nos e por meio dos jornais. In: PINSKY, *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.111. (grifos da autora)

limites do acontecimento, ela pode como afirma Robert Darnton (1990), “moldar os fatos e dar-lhes cobertura”³⁰. Essa moldagem da qual fala Darnton é fator de grande importância na pesquisa aqui realizada, pois são elas parte constituinte do processo de construção de uma versão para determinados fatos.

As representações escritas no jornal podem alcançar uma condição de natural, dar a ver uma verdade para leitores desavisados e que não se permitem uma reflexão mais densa. Os imaginários contidos nessas representações comportam o poder de se fazer crer que o que propõem está o correto e o que condenam, não deve ser aceito pela sociedade. Para Baczko (1985), o imaginário enquanto esquema de interpretação, também o é de valorização, que “suscita adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum”³¹. O imaginário dessa forma está entremeio a um campo de força, possuindo o poder de interferir na realidade do indivíduo e com a capacidade de conduzir ações.

Analisa-se o texto escrito pelo jornal partindo dessa reflexão, de que a matéria jornalística faz parte desse conjunto de representações e que dessa forma ela é fruto de uma relação entre o fato, e aquele que descreve e narra tal fato. Dessa forma ela faz parte de uma interpretação de que aquele que tem o poder de falar sobre, de publicar sobre faz de determinado ponto de vista. Elas mostram uma versão para aquilo que está sendo tratado.

Por representações compreendemos o conjunto de construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Essa interpretação vai de encontro com as análises propostas por Chartier ao afirmar que os conflitos e as lutas não se dão no campo do social e sim no âmbito das representações. Privilegiando as apropriações, Chartier aponta que não existem práticas ou estruturas que não sejam representadas. “Não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo”³².

³⁰DARNTON. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.16.

³¹ *Ibidem.*

³² CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*, p.66. In: _____. **A beira da falésia**. A História entre certezas e Inquietudes. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

Nas análises de Pierre Bourdieu, “a representação é, assim, adjetivada como um discurso performático, cujo ato de enunciação garante, pela autoridade de quem enuncia, a sobrevivência do que é enunciado”³³. Nessa definição, o autor explicita o poder simbólico que para ele é “um poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem”³⁴. Aproximamos nosso trabalho das propostas de Chartier, especialmente na definição da existência de lutas no campo das representações (numa clara referência a Bourdieu), bem como na ideia de apropriação defendida por ele. Com relação à construção de uma realidade por meio de representações, Pierre Bourdieu evidencia a existência de um poder simbólico como já citado brevemente em um momento anterior. Para este,

as diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesse e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais³⁵.

Para Bourdieu, o poder simbólico permeia todas as relações sociais. É um poder invisível exercido com a cumplicidade daqueles que ignoram que estão sujeitos e/ou que exercem.

Ao tratar o conceito de imaginário, Bronislaw Baczko também faz uma discussão em torno da associação recorrente entre imaginário e poder. Questiona o autor, como imaginário algo antes taxado como pertencente ao campo das ilusões e do símbolo estaria aventurando-se em questões sérias como por exemplo, questões políticas. Esse embaraço entre imaginário e poder, não demorou a ser esclarecido pelas ciências humanas que passaram a reconhecer as funções do imaginário na vida coletiva bem como no exercício do poder:

As ciências humanas punham em destaque o fato de qualquer poder, designadamente o poder político, se rodear de representações

³³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 235.

³⁴ *Ibidem*, p.9.

³⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.11.

coletivas. Para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico.³⁶

Baczko encaminha sua discussão evidenciando que em conflitos sociais, não se separam os agentes e seus atos da imagem que eles têm de si próprios e de seus inimigos sejam quais forem esses inimigos. Assim como Bourdieu, dá destaque para os conflitos de poder e os cita como estratégias para defesa de uma causa e desvalorização da causa oposta.

As situações conflituais entre poderes concorrentes estimulavam a invenção de novas técnicas de combate no domínio do imaginário. Por outro lado, estas visavam a constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar a sua legitimidade; por outro lado, exaltavam através de representações engrandecedoras o poder cuja causa defendiam e para o qual pretendiam obter maior número de adesões³⁷.

Sobre os símbolos, o autor discorre que a dominação destes pode ser uma forma de garantir obediência. “Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência real, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio”³⁸.

Para Bourdieu, essa obediência é possível por meio da crença da legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia³⁹. Mas ressalva ele que: “o poder simbólico é, com efeito, [um] poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Ou seja, somente quando ignorado como arbitrário é que esse poder pode ser exercido.

Para Baczko, a produção de discursos é uma forma de tornar o imaginário social inteligível e comunicável e, aqueles que possuem o monopólio dos meios de produção e manipulação dos imaginários possuem uma arma temível e sofisticada⁴⁰. Evidenciamos

³⁶ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: Ed. Portuguesa, 1985. V.5, Antropos-Homen p.297.

³⁷ *Ibidem*, p.300.

³⁸ *Ibidem*, p.299.

³⁹ *Ibidem*, 14.

⁴⁰ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: Ed. Portuguesa, 1985. V.5, Antropos-Homen, p.308, 311.

nesse momento a utilização do jornal Gazeta de Minas como forma de controle e monopólio de um discurso anticomunista e disseminação de uma ideologia. Nesse ponto, o periódico configurou-se em importante arma para imposição de uma ideologia. “Em cada formação social, as representações ideológicas da classe dominante constituem, também, a ideologia dominante, no sentido em que esta é veiculada e imposta por instituições tais como o Estado, a Igreja, o ensino, etc”⁴¹.

A Igreja Católica, que passava por um momento de reformulação, tinha num importante veículo de comunicação na cidade uma forma de impor sua posição, de difundir imaginários buscando legitimação do seu poder e desconstrução do comunismo. Assim, reproduziam valores e normas católicas buscando forjar, recorrendo ao poder simbólico, um imaginário social por meio de orientações, buscando a mobilização para uma ideia comum. Posto isso, julgamos de extrema importância, ao analisar as representações do imaginário anticomunista no jornal Gazeta de Minas, lançar mãos de teóricos como os citados anteriormente buscando uma clareza no método e um aporte teórico conciso para interação dos conceitos e sua utilização na prática.

Representações, como as que aqui se propõe pesquisar, buscam ir de encontro com o público e trazer sentido para quem ler. Nessa perspectiva, é levado em consideração Oswaldo Coimbra ao chamar atenção para a “natureza essencialmente política (voltada para a *polis*) da atividade jornalística, dentro da qual o texto – como o som ou a imagem – é um instrumento⁴²”. A função política do jornal aqui analisado confunde-se com a função religiosa e propõe questionamentos sobre até que ponto é seria possível separar as domínios da política e da religião da vida em sociedade.

1.5 Religião e política: a imprensa católica

No artigo Religião e política, Aline Coutrot trata sobre as ligações íntimas entre os dois campos que por muito tempo foram relegadas principalmente pela história política. Diferentemente desse período, a autora ressalta as análises mais atuais nas quais as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política

⁴¹ *Ibidem*, 304.

⁴² COIMBRA, *O texto da reportagem impressa*. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Editora Ática, 1998, p.8 e 9.

em diversos domínios. Buscando explicar o que haveria em comum entre religião a política a autora assim descreve:

O fundamento de todas essas mediações reside no fato de que a crença religiosa se manifesta em igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. Como corpos sociais, as igrejas cristãs difundem um ensinamento que não se limita às ciências do sagrado e aos fins últimos do homem. Toda a vida elas pregaram uma moral individual e coletiva a ser aplicada *hic et nunc*; toda a vida elas proliferaram julgamentos em relação à sociedade, advertências interdições, tornando um dever de consciência para os fiéis se submeter a eles⁴³.

A autora ressalta as características das ações religiosas que fogem aos limites do sagrado atingindo às questões sociais. Ao ampliar seu campo de intervenção e ao diversificar as formas de ação a atuação da igreja demonstra relações com a política.

A autora acrescenta ainda que assim como o religioso informa a política, a política estrutura o religioso: “Colocando questões que não pode se evitar, apresentando alternativas ele força as igrejas a formularem expectativas latentes em termos de escolha que excluem toda possibilidade de fugir do problema”⁴⁴.

Nesse sentido, o antropólogo Marc Augé afirma também a existência de laços entre o religioso e o político: “a religião mais do que explicar as novidades, as monstruosidades e os acontecimentos inesperados, destina-se a dar conta ‘do caminho habitual do universo’ e ‘a manter de modo positivo o curso normal da vida’”⁴⁵. Em ambas as discussões, a religião parece cumprir uma função que seria auxiliar às pessoas a processar os desafios do mundo e permanecer na crença de normalização das coisas. Nesse aspecto, a questão política insere-se nessa gama de desafios para os quais a atuação do religioso cumpre o papel de buscar junto aos seus fiéis um caminho a percorrer.

A imprensa católica, nessa direção consegue imprimir suas posições sobre determinados assuntos, fazendo com que estas que muitas vezes extrapolam o sagrado, cheguem a seus fiéis. Para Coutrot “a influência da imprensa confessional é tanto maior

⁴³ COUTROT, Aline. *Religião e política*, p.334. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 2ª edição.

⁴⁴ *Idem*, p.335.

⁴⁵ AUGÉ, Marc. *Religião*. In: Enciclopédia Einaudi. Maia, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994 (vol.XXX). p. 179-180.

na medida em que seus leitores são em geral, fiéis na maioria assinantes e que o coeficiente de difusão é elevado. O jornal cristão é lido em família”⁴⁶.

Em se tratando do jornal Gazeta de Minas a credibilidade que este adquiria junto às famílias deve ser levada em conta. Na posição assumida de um jornal sob orientação católica esse impresso foi também um instrumento que emitia orientações, posicionamentos não só no campo do religioso como também no âmbito da política. As matérias, escritas seja por membros da igreja, seja por demais colaboradores transitavam muito bem entre política e religião chegando ao ponto de se associar características religiosas que deveriam estar presentes nos candidatos a cargos eletivos.

A busca por um caminho a seguir para a humanidade dava os contornos de matérias que destacavam o poder da fé e da religiosidade para o enfrentamento e possível solução para os problemas do mundo, inclusive políticos. Dessa forma, por meio das análises com nossa fonte e objeto de pesquisa, percebemos uma clara associação de política e religião que é inerente aos textos publicados no jornal.

⁴⁶ COUTROT, Aline. Religião e política, p.348. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 2ª edição.

2 COLUNA “MARTELANDO”: campanha anticomunista de Monsenhor Leão no jornal *Gazeta De Minas* da cidade de Oliveira, MG (1960-1963)

Falar de década de 1960 no Brasil é essencialmente falar de política, de projetos e ideologias contrastantes em disputa. É uma época de grande efervescência em diferentes campos. Essa década apresenta um divisor de águas na política brasileira. Marca a transição de um regime democrático para uma ditadura, imposição de poder resistência.

Pra além das disputas sociais e políticas que embalaram o período, uma disputa nos é peculiar: a disputa simbólica. Diversas representações da realidade experimentada nesse período foram criadas. Os jornais, principal fonte do trabalho que se apresenta, tiveram importante papel na elaboração de representações dos acontecimentos do período. Apresentaram suas versões para a realidade e, sendo que chegavam aos mais variados leitores, contribuía para a disseminação e divulgação de determinados posicionamentos, certas ideologias⁴⁷.

A questão que aqui nos interessa, referente às representações criadas nos jornais, está ligada a produção de sentido que estes propõem ao tratar de determinados assuntos caros à política brasileira no período. Levamos em consideração a representação como algo carregado de sentido, de simbolismo, demonstração de uma maneira própria de ver o mundo por parte de quem o faz e a busca por disseminação dessa visão. Nas palavras de Roger Chartier, “formas institucionalizadas através das quais “representantes” encarnam de modo visível, “presentificam”, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder.”⁴⁸

A análise do jornal *Gazeta de Minas* na atual pesquisa teve como eixo norteador as representações criadas em torno do comunismo. Da forma como uma posição, anticomunista, foi pintada e disseminada pela fonte em questão na cidade de Oliveira, interior de Minas Gerais. Oliveira é uma cidade localizada no centro-oeste mineiro que tinha em 1964 15.500 habitantes⁴⁹. É preciso observar que apenas em 1970 a população urbana superou a população rural no Brasil e que em 1960 mais de 30% da população

⁴⁷ Por ideologia entende-se aqui conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas.

⁴⁸ CHARTIER, Roger. *A beira da falésia*. A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p.169.

⁴⁹ *Gazeta de Minas*, 29.11.64.

vivia em cidades de menos de 20 mil habitantes⁵⁰. Sendo portanto o interior palco significativo das disputas políticas.

A fonte oral foi um dos recursos utilizados nessa pesquisa para compreensão de sua produção e do contexto vivenciado por aqueles que nela estiveram inseridos. A despeito das mais variadas discussões que colocam em suspeição a metodologia da história oral, resgatamos aqui a importância da memória enquanto espelho de determinadas representações⁵¹. De forma que, como afirma Ferreira, “as possíveis distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa”⁵².

Destacamos aqui a importância da história oral para suprimir as possíveis lacunas documentais nas quais a pesquisa esbarra bem como na valorização do sujeito histórico.

Memória e história, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos, por meio dos quais as identidades de sujeitos históricos, individuais e coletivos podem melhor ser reconhecidas e analisadas como integrantes da tessitura constitutiva da história⁵³.

Assim, a fonte oral é aqui trabalhada na perspectiva de valorização da memória e da identidade de sujeitos que atribuem significados a diferentes momentos históricos e trazem à tona representações em torno deles.

2.1 Monsenhor Leão e a coluna Martelando

No jornal *Gazeta de Minas* no que concerne à campanha anticomunista a coluna “Martelando” do Zé canela de Ferro se constitui em uma fonte muito rica para análise.

⁵⁰ BRITO, Fausto, HORTA, Cláudia Júlia Guimarães e AMARAL, Ernesto Friedrich de Lima. A urbanização recente no Brasil e as aglomerações metropolitanas. Associação Brasileira de Estudos Populacionais - Abep. *Anais*. 2001. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>. Acesso em: 21 nov. 2014, pp.4 e 6.

⁵¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, PP.314-332, p.324.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral – memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.47.

Zé Canela de Ferro é o pseudônimo utilizado pelo Monsenhor Leão Medeiros Leite, pároco da cidade, responsável por intensas publicações contra o comunismo.

Além de pároco na cidade de Oliveira MG, desempenhou no estado de Minas Gerais várias outras funções como reitor do Colégio Estadual Prof. Pinheiro Campos, diretor do jornal *O Horizonte* em Belo Horizonte, diretor da “Hora do Ângelus” na Rádio Inconfidência e diretor da Santa Cruz Publicidades Ltda⁵⁴.

Em consonância com as diretrizes eclesiásticas da época bem como por seus princípios e valores, o religioso desenvolveu uma verdadeira empreitada anticomunista em Oliveira por meio do jornal *Gazeta de Minas*. Sua posição era bem clara e o fato de usar um pseudônimo de nada tem a ver com uma necessidade de manter sua identidade em sigilo. Prova disso é o fato de a coluna ter na abertura sua caricatura⁵⁵. Como podemos observar na imagem a seguir, Monsenhor aparece com um martelinho batendo em sua cabeça numa menção à exposição de ideias que lhe martelava, latejavam em seus pensamentos.

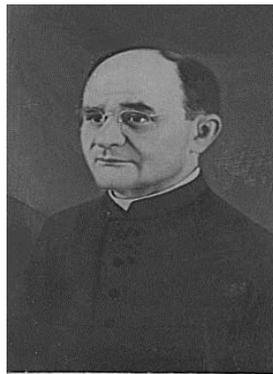
Fig.1 Caricatura de Monsenhor Leão



Fig.2 Fotografia de Monsenhor Leão

⁵⁴ Fonseca, Luís Gonzaga da. *História de Oliveira*. Edição Centenário, 1961, p.353.

⁵⁵ Caricatura e fotografia retiradas do acervo fotográfico da *Gazeta de Minas*.



O pseudônimo mostrava muito mais sua opinião e forma de expressá-la que uma máscara. “Zé canela de Ferro porque falava o que pensava sem medo e as pessoas podiam chutar a vontade a canela dele porque não ia doer mesmo. Ele nem ia sentir, pois a canela era de ferro”⁵⁶.

Monsenhor Leão foi considerado por João Bosco Ribeiro, seu ex-coroinha e atual editor do jornal um homem “rigoroso com ele e com a sociedade”⁵⁷ que não mediu esforços para defender aquela que era pra ele a única verdade: A Igreja Católica. “Firme na direção de que somente a família unida ao catolicismo seriam verdades que levariam a Deus conduziu com mãos de ferro a Gráfica Santa Cruz”⁵⁸, que era responsável pela impressão do jornal ao mesmo tempo em que dirigia a produção do periódico.

Precisamente, no período em que essa pesquisa concentra-se, década de 1960, a *Gazeta de Minas* era propriedade da Gráfica Santa Cruz e Monsenhor Leão contava dentre outros com o apoio de Gumercindo da Silveira, que também foi editor do impresso de 1964 até meados da década de 1970 quando recebeu a *Gazeta de Minas* como pagamento de dívidas trabalhistas da Gráfica para com ele.

O Monsenhor Leão era irmão do bispo da cidade, Dom José Medeiros Leite, do qual era também o braço direito. Além da direção da gráfica e do jornal o Monsenhor Leão auxiliava o irmão em diversas atividades religiosas na cidade. Ambos vieram de Mossoró no Rio Grande do Norte, pra Minas Gerais pelas mãos de Dom Cabral o

⁵⁶ BERNARDINO, Valdir. Entrevista. Janeiro de 2014. Entrevistadora Viviane dos Reis Soares. Oliveira MG, 2014. 1 arquivo de mp3 (59 minutos).

⁵⁷ RIBEIRO, João Bosco. Entrevista. Janeiro de 2014. Entrevistadora: Viviane dos Reis Soares. Oliveira, M.G., 1 arquivo de mp3(35 minutos).

⁵⁸ *Ibdem*.

primeiro arcebispo metropolitano de Belo Horizonte (1922)⁵⁹, para iniciarem o seminário em naquela cidade.

Sua coluna esteve firme nas páginas da Gazeta de Minas até setembro de 1963 quando foi se afastando de suas atribuições no jornal. A razão de seu afastamento ainda é desconhecida não tendo sido possível sanar essa questão através de pesquisas documentais e nem mesmo de registros orais. Até onde as pesquisas puderam chegar, foi constatado que de nada tem a ver o fim de sua coluna no jornal com sua morte que se deu em 1965 de uma enfermidade repentina.

Sobre o assunto, Gumercindo da Silveira em sua coluna Informando e Comentando assim manifestou:

Acontece cada uma em nossas vidas que dificilmente conseguiríamos explicar. Ou melhor, não se explica. A retirada do Zé Canela de Ferro das páginas da Gazeta é uma delas. Quanto mais estamos precisando de ajuda vem a bomba “Ponto Final”-Canela de Ferro não escreverá mais. Quais os motivos? São ignorados. Cansaço, acúmulo de afazeres, falta de tempo? Talvez. O certo é que aquela pena que sempre visou a justiça, a verdade e a glória de Deus entrou em férias⁶⁰.

Embora seus escritos findem ainda em 1963, eles se configuram importante fonte de discussão, principalmente, quando se leva em conta o contexto de sua produção, período em que se tem início o que Rodrigo Patto de Sá Motta denominou de segunda eclosão de anticomunismo no Brasil. Assim, após o primeiro surto de 1935-37: “Entre 1961 e 1964 o anticomunismo adquiriu uma importância preponderante, sendo a fagulha principal a detonar o golpe militar de 1964”⁶¹.

No período em questão, as preocupações com os acontecimentos internacionais como a Revolução Cubana, cruzaram-se com as incertezas que o governo de Jânio Quadros e a sua política externa geraram, tendo como elemento simbólico a condecoração do líder cubano Ernesto Che Guevara. É no mesmo período que a tensão aumentou no Brasil com a renúncia de Quadros, ascensão de Goulart e o reatamento

⁵⁹ <http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bdsc.html>

⁶⁰ *Gazeta de Minas*, sete de setembro de 1963, p.1.

⁶¹ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 231.

diplomático com Moscou, e um discreto apoio a Cuba.⁶² são exemplos da política de Quadros que o colocou em suspeição.

Todo o clima de preocupações e incertezas que o contexto mundial, bem como o governo brasileiro, sugeria só fez alarmar ainda mais em razão da renúncia do presidente Jânio Quadros. A notícia pegou os brasileiros de surpresa. O fato foi noticiado com estrondo, notícia de primeira página na *Gazeta de Minas*: “Estupefacta e estarecida a Nação recebeu a renúncia do Sr. Jânio Quadros”⁶³.

O vice João Goulart, quem a partir de então assumiria a presidência, não era visto com bons olhos pelos anticomunistas que enxergavam nele a representação da esquerda trabalhista à época. “A ascensão do líder gaúcho foi um verdadeiro divisor de águas nos embates políticos da época, pois se constituiu num fator de fortalecimento da esquerda e numa motivação para arregimentação do comunismo”⁶⁴.

A suposta ligação de João Goulart com o comunismo foi um fio condutor para fortalecimento de uma corrente que já se manifestava no país: o anticomunismo. Como já dito anteriormente, o contexto contribuía para redobrar a atenção com relação à disseminação do comunismo no mundo. A ascensão de Goulart, e as acusações de que este seria partidário de causas esquerdistas serviram como uma maneira de apontar o perigo como algo real e atentar a população sobre o risco que a posição do presidente representava para o Brasil: uma porta aberta para infiltração comunista.

Sustenta Sá Motta, que a política externa de João Goulart foi uma das razões para a derrubada de seu governo,

Uma das razões para a derrubada do governo Goulart foi precisamente sua política externa, muito próxima dos países socialistas na opinião da direita, pois além de ter readmitido os soviéticos no Brasil a diplomacia de Jango mostrou-se simpática aos interesses cubanos. Esse foi um dos pontos da campanha anticomunista deslançada contra o governo, acusado de permitir a infiltração da esquerda revolucionária em toda parte, no Estado e organizações sociais. De fato, a convicção de que estava em jogo impedir tentativa de assalto

⁶² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006, pp. 125 e 134.

⁶³ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de agosto de 1961. Ed,565 p.1

⁶⁴ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 234.

comunista ao poder foi a motivação maior de muitos dos apoiadores e perpetradores do golpe.⁶⁵

Dos setores que travaram uma empreitada anticomunista no Brasil, merece especial destaque a camada mais conservadora da Igreja Católica. Para esta instituição o comunismo representava uma grande ameaça aos seus valores, sua tradição. Apontada como grande adversário da religião, essa corrente ideológica precisava ser extirpada, pois os exemplos da Rússia com a Revolução Bolchevique e da Espanha em especial com a Revolução Civil Espanhola e a perseguição aos religiosos davam mostras da desestabilização da Igreja frente à disseminação da ideologia anticomunista.

Medidas incisivas passaram a ser tomadas frente aos acontecimentos. Exemplo disso são as Cartas Encíclicas, Cartas Pastorais e arregimentação dos fiéis em torno de grupos como a Juventude Universitária Católica (JUC)⁶⁶ e os Círculos Operários. A Igreja estava disposta a arregaçar as mangas contra o comunismo e pra isso contava com o apoio dos fiéis para os quais essa luta era apresentada como uma missão em apoio do bem contra o maléfico.

As Cartas Episcopais foi uma das formas recorridas para que as determinações da Igreja Católica se fizessem ouvir em todos os cantos tendo como mensageiros, os sacerdotes que levavam pra junto de seus fiéis a preocupação daquela instituição com o destino das famílias, da moral, dos valores cristãos frente ao inimigo que se apresentava.

Contudo, não podemos excluir o fato de que existiam dissidências dentro da própria instituição tornando possíveis discursos alternativos ao seu conservadorismo.

Como afirmam Lucília de Almeida Neves Delgado e Mauro Passos,

O novo lugar que, progressivamente, o catolicismo foi ocupando na sociedade brasileira, neste período, modificou seu perfil tanto interna quanto externamente. [...] O seu perfil institucional foi sendo alterado. Com isso, a imagem tradicional da Igreja, sua linguagem e projeção na sociedade apresentavam uma nova direção. A instituição eclesial começava a abrir novos horizontes em suas práxis⁶⁷.

⁶⁵. SÁ MOTTA, Locus: O perigo é vermelho e vem de fora: o Brasil e a URSS. Locus (Juiz de Fora), v. 13, p. 227-247, 2007, p. 240.

⁶⁶ Ver http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300007&script=sci_arttext&tlng=es

⁶⁷ FERREIRA; DELGADO(orgs). *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.96.

Um aspecto que nos chama atenção nesse sentido é o fato de, num período em que a Igreja católica, se mostra aberta à mudanças, um cunho tradicional e conservador ainda vigorava, como no caso de Monsenhor Leão e a sua campanha no jornal *Gazeta de Minas*. Religioso, homem firme na fé e em seus princípios, ele tinha como maior bandeira a família e a religião.

Fiel em seus ensinamentos, Monsenhor Leão, assumiu um papel que foi além da orientação e esclarecimento aos fiéis à sua volta. O religioso assume uma postura firme, decidida de ataque ao comunismo. Por meio de importante veículo de informação do qual lhe cabia a direção, o pároco fez com que seu brado em prol da moral, bons costumes, da família ecoasse nos mais variados lares oliveirenses, responsabilizando todos os fiéis de ajudar no combate daquilo que para ele era o maior de todos os males da humanidade.

Semanalmente, Monsenhor escrevia na coluna “Martelando” na qual expunha suas ideias, reflexões sobre a sociedade, ensinamentos religiosos. Seus escritos na coluna “Martelando” no jornal *Gazeta de Minas* tinham como principal objetivo a orientação. Soava como um aviso paternal de cuidado, aconselhamento. Mas esse mesmo lado paterno que orientava mostrava também seu lado severo inflamando vários imperativos para o combate ao comunismo que o mesmo definia como “a bomba infernal da anarquia e do desatino”⁶⁸.

Alimentava uma devoção inabalável por Nossa Senhora de Fátima. Devoção essa que o levou à cidade de Fátima da qual trouxe uma imagem que peregrinou em toda a cidade e região. É oportuno falar da devoção de Monsenhor por Nossa Senhora de Fátima, pois esta mesma Santa desempenhou importante papel nas campanhas anticomunistas da Igreja⁶⁹.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, “o fato de a aparição ter se dado em 1917 proporcionou uma interpretação vinculando-a aos acontecimentos revolucionários na Rússia. Setores católicos entenderam que se tratava de uma mensagem celeste, uma reação divina ao crescimento das forças ateístas”⁷⁰. Soma-se a isso o fato de um dos segredos de Fátima revelado a crianças portuguesas, referir-se à Rússia.

⁶⁸ *Gazeta de Minas*, quatorze de agosto de 1960, p.3

⁶⁹ SÁ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002 p.100.

⁷⁰ *Ibidem*, p.100.

Tal interpretação foi fortalecida pela versão de que a santa num dos encontros com os meninos, teria dito que a Rússia seria convertida. Essa menção, mais o conteúdo dos segredos de Fátima posteriormente revelados pela igreja deram ocasião aos anticomunistas de apresentar a imagem como símbolo da luta contra os revolucionários⁷¹.

Para a Igreja Católica, o respaldo da aparição da Santa foi bastante oportuno. Foi uma forma de reforçar a necessidade de renovação da fé cristã proposta por Nossa Senhora de Fátima bem como de deixar claro que uma das bandeiras dessa renovação seria a luta contra o comunismo já que a Santa havia referido-se à conversão da Rússia. Para Monsenhor Leão a devoção a Nossa Senhora de Fátima casava com o seu posicionamento frente ao comunismo. O uso da fé como uma arma para o combate ao comunismo só se reforçava com a aparição da santa. Não foi a toa que em seus escritos na Gazeta de Minas, Monsenhor, ao alertar para a questão da falta de pudor, que segundo ele estava diretamente ligada com a infiltração e os ensinamentos comunistas, citava a aparição de Nossa Senhora de Fátima.

Em uma série de artigos intitulada “Corromper”, Monsenhor faz uma análise sobre como as famílias estão cegas para os ataques ao pudor presentes na sociedade. O colunista alerta que tal partido está muito interessado nessas bancarrotas da moral cristã⁷². Na mesma série de artigos, o Monsenhor apela para a aparição de Nossa Senhora de Fátima:

A pequena vidente de Fátima, Jacinta Marto, aprendeu da virgem santíssima que, os pecados que levam mais almas para o inferno são os pecados impuros e que teriam aparecido muitas modas indecentes que teriam afligido muito o coração imaculado de Maria e de seu filho Jesus⁷³.

A associação fica clara: a falta de pudor presente nas famílias é tudo que o comunismo quer. A destruição da moral cristã é um dos seus objetivos e por isso, os cristãos deviam ficar alerta para o que Nossa Senhora de Fátima já havia avisado. Os pecados impuros, -aqueles que interessam o partido comunista - o tal partido nas

⁷¹ *Ibidem*, p100.

⁷² *Gazeta de Minas*, dezoito de setembro, 1960, p.3.

⁷³ *Ibidem*.

palavras do Monsenhor-, vão levar as pessoas para o inferno além de estarem ferindo o coração de Maria e Jesus Cristo.

Nas pesquisas referentes à vida de Monsenhor Leão uma das questões que sobressaíram refere-se à sua ligação com o Integralismo em Oliveira. A Ação Integralista Brasileira, a AIB, foi um partido cuja ideologia era expressamente contrária ao comunismo. Fundado por Plínio Salgado, a AIB tinha como lema Deus, Pátria e Família e se apresentou como uma das maiores correntes políticas anticomunista.

Em contato com o atual bispo da cidade de Oliveira, Dom Miguel Ângelo, obtivemos a informação de que Monsenhor Leão era simpatizante das ideias integralistas⁷⁴. Tivemos contato também com o ex-deputado estadual Nelson Leite integralista remanescente em Oliveira. De acordo com seu depoimento havia contato de Monsenhor Leão com o partido sendo que na cidade, havia um local de reunião na casa de um importante empresário.

O Monsenhor posteriormente foi também adepto mas não chegou a se inscrever não, porque o irmão dele, o Dom José que era bispo, não gostava que padre entrasse com política. Então ele ficava atrás da porta, o Monsenhor e o padre Ananias que não tinha bispo na ocasião também não aparecia não.⁷⁵

Nelson Leite, membro da AIB, narra a participação de Monsenhor em reuniões do Partido como algo discreto. Revela-nos a sua afinidade, mas também deixa claro que por ser irmão do bispo, as participações de Monsenhor Leão em reuniões da AIB em Oliveira MG, eram pouco aparentes.

Nas palavras dos entrevistados, Monsenhor assume diversas características. Aparece como um homem correto, íntegro e muito dedicado à religião e causas sociais. Um homem rígido, que não se preocupava com opiniões contrárias às sua na palavra de Waldir Bernardino ex-funcionário da Gráfica Santa Cruz. Uma pessoa totalmente envolvida com as causas sociais nas palavras do atual bispo da cidade. Um padre que gostava de política nas palavras de um integralista ex-deputado Nelson Leite, um

⁷⁴ Dom Miguel Ângelo. Entrevista. Fevereiro de 2014. Entrevistadora: Viviane dos Reis Soares. Oliveira, 2014. 1 arquivo de mp3 (25 minutos)

⁷⁵ LEITE, Nelson. Entrevista. Março de 2014. Entrevistadora: Viviane dos Reis Soares. Oliveira, 2014. 1 arquivo de mp3 (1:30h).

religioso que fez de tudo para manter a família, a religião, e a moral inabaladas para João Bosco Ribeiro jornalista, atual diretor do jornal *Gazeta de Minas* e ex-coroinha do Monsenhor.

Nas palavras dos entrevistados relacionados acima, esse conjunto de predicados estavam por traz do Zé Canela de Ferro que foi responsável pela coluna Martelando no jornal *Gazeta de Minas* e que assumiu em sua coluna um compromisso de alerta e de convocação da população para o combate ao comunismo que se deu por meio de várias frentes de atuação, como veremos a seguir por meio das principais categorias utilizadas pelo Monsenhor para os ataques anticomunistas.

2.2 Comunismo e brasileiro não combinam

Em seu livro *O PCB e a Imprensa*, Bethânia Mariani faz uma análise dos discursos construídos pelos jornais em torno dos comunistas. Uma das questões problematizadas pela autora refere-se às produções de sentido em relação ao comunismo como o outro, o estranho, remetendo-o para o campo do mal. “Aos comunistas estão associados o estrangeiro, o comunista russo (e mais recentemente o chinês e o cubano), ou melhor, a Revolução Russa e a barbárie com que foi descrita”⁷⁶.

Rodrigo Patto de Sá Motta também chama a atenção para a constante associação do comunismo com algo exógeno em especial no período da Guerra Fria no qual a ameaça estrangeira presente no imaginário anticomunista caracterizava o comunismo como sinônimo do imperialismo soviético⁷⁷. A URSS esteve muito presente naquelas críticas. “A importância da URSS para o imaginário anticomunista era tal, que grande parte das campanhas de propagandas devotadas a desacreditar o comunismo concentrava-se em atacar aquele país”⁷⁸. O Monsenhor, segue a mesma direção. Na maioria de seus escritos, as referências ao comunismo estavam relacionadas à infiltração estrangeira, espionagem internacional. Atentava o colunista para os perigos que o país corria em razão da disseminação do comunismo.

⁷⁶ MARIANI. *O PCB e a imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989, 1988,p.229.

⁷⁷ SÁ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 2002, p.61.

⁷⁸ *Ibidem*, p.71.

É evidente que os comunistas, intensificando e ampliando o seu setor de espionagem demonstram sua intenção agressiva com vistas ao domínio do mundo. Pretendem os comunistas agora, ao lado de suas palavras de ordem destinadas a manter divididos os países ocidentais enfraquecendo as possibilidades nacionais de defesa, obter informações valiosas para o caso de uma terceira guerra mundial⁷⁹.

Esse estrangeiro estava disposto a fazer tudo para destruir as famílias, levar os jovens para o mau caminho materialista e solapar a moral cristã.

A infiltração comunista existe. Explora a miséria. Explora o meio estudantil. Explora-se o ambiente operário. Certas classes corrompidas pelo materialismo de vida são o estopim da revolução comunista e a desgraçada miséria do pauperismo, a bomba infernal da anarquia e do desatino⁸⁰.

A origem desse estrangeiro, nas palavras de Monsenhor Leão, era em sua maioria russa: “a espionagem soviética”⁸¹, “a Rússia que já implantou o imperialismo soviético”⁸², “o olho de Moscou”⁸³ ou o “comunismo ateu provindo da Rússia”⁸⁴. A intensidade com que a coluna atacava os russos reforça a ideia de que o estrangeiro, nas palavras do Monsenhor, a Rússia, pátria mãe do comunismo, era o maior perigo a se resguardar. Como coadjuvante, aparecem Cuba, China e Espanha, sendo os dois últimos países citados esporadicamente.

A figura desses estrangeiros tratadas sempre em relação à infiltração e seus sinônimos numa busca de reforçar que “aquilo”, o comunismo, não era nosso. Na verdade, foi importante ao colunista frisar: “Comunismo e brasileiro não combinam, mas tem que ter vigilância. E “se é possível concordar com a ideia de que brasileiro e comunismo não são coisas que se casem, isso não significa que a vigilância não deva ser extrema em relação aos planos vermelhos entre nós”⁸⁵.

Posto estava que o comunismo não era nosso. Para Monsenhor, era necessário deixar isso bem claro. Comunismo como algo exógeno, que não nos pertence. Mas então porque tanto medo? Qual o sentido de tanta preocupação, principalmente por parte do padre que não importava com a opinião alheia, o Zé Canela de Ferro? Para Sá

⁷⁹ *Gazeta de Minas*, quatorze de agosto de 1960, p.3.

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ *Ibidem*.

⁸² *Ibidem*, 21-08-1960, p.3

⁸³ *Ibidem*, 27-11-1960, p.3.

⁸⁴ *Gazeta de Minas*, nove de abril de 1961, p.2.

⁸⁵ *Gazeta de Minas*, vinte e um de agosto de 1960, p.3.

Motta, “se alguns grupos davam-se ao trabalho de fazer propaganda anticomunista é porque tinham medo e sentiam-se inseguros, apesar de todo o discurso do comunismo como planta exótica”⁸⁶.

Apesar de não ser nosso o comunismo, o Monsenhor ressaltava que no Brasil, havia muitos traidores da pátria que estavam dispostos a trazê-lo para o país. É que a insistência em disseminar o comunismo era muito forte: “O comunismo internacional está danado. Faz o máximo para vencer o Brasil em toda parte”.⁸⁷ E o pior de tudo era quando ele contava com a ajuda dos próprios cidadãos brasileiros. É o que o Monsenhor criticava em Monteiro Lobato. “E que dizer dos nossos próprios patrícios que procuram dar “cultura” russa à nossa gente. Não é de hoje a peleja. A literatura infantil de Monteiro Lobato é comunismo para crianças”.⁸⁸

Na verdade, Monsenhor está resgatando uma peleja dos idos da década de 1930 quando alertava a Igreja Católica para os perigos que a leitura de Monteiro Lobato representava. A obra “Literatura infantil de Monteiro Lobato ou comunismo para crianças”, escrita pelo padre jesuíta Sales Brasil apresentava uma crítica endossada pela igreja católica. A edição da obra em 1958 chegou a contar com uma carta de apoio do Vaticano e prefácio que alertava sobre os males para a fé e a educação cristã das crianças que poderiam advir da leitura da obra⁸⁹.

A falta de vigilância de uns, a ingenuidade de outros que simpatizavam com a ideologia em questão e o papel desempenhado pelo governo eram fatores que tornavam furada a tentativa de bloqueio do comunismo no país e eram para o Monsenhor caminhos fáceis para a infiltração dessa ideologia.

O resgate às representações de momentos históricos anteriores foi também uma estratégia bastante presente nos escritos do Monsenhor. Em uma crítica às conquistas soviéticas, Monsenhor faz referência à Intentona Comunista.

As conquistas soviéticas tem sido realizadas não evidentemente por vias democráticas (o comunismo é anti-democracia), mas pura e

⁸⁶ SÁ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 2002, p.6.

⁸⁷ *Gazeta de Minas*, vinte e quatro de julho de 1960, p.3.

⁸⁸ O livro citado é BRASIL, Pe. Sales. *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato ou Comunismo para Crianças*. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.

⁸⁹ Revista IHU on line, 284, AnoVIII, 01/12/2008. ISSN19818793. Instituto Humanitas Unisinos. “Monteiro Lobato. Um ativista da educação combatido pela igreja. Entrevista com Eliana Yunes professora da PUC-RIO cedida à Gilda Carvalho. Disponível em: ihuonline.unisinos.br. Acesso em 25/01/2014.

simplesmente pelo uso da força. Em nossa própria história há páginas manchadas de sangue de nossos irmãos, derramados em virtude dos golpes traiçoeiros do comunismo⁹⁰.

As pesquisas realizadas por Bethânia Mariani mostram que um importante foco foi a manutenção de certos sentidos sobre o comunismo⁹¹. De acordo com a autora, algumas categorias de classificação dos comunistas são constantes mesmo em diferentes períodos e contextos históricos. A permanência de determinados sentidos ao comunismo também foi referenciada por Rodrigo Patto Sá Motta: “Importante observar que estas representações sofreram poucas alterações ao longo dos anos”.⁹²

No caso específico citado no trecho de Monsenhor Leão acima, é feita referência aos “golpes traiçoeiros do comunismo” e “sangue derramado”. Essa retórica é a mesma presente em escritos e críticas ao episódio de 1935: Intentona Comunista. O movimento partiu de ideários da Aliança Nacional Libertadora, a ANL que defendia propostas nacionalistas e tinha dentre outras bandeiras a luta pela Reforma Agrária. A ANL, posta na ilegalidade pouco tempo após sua criação, tinha como presidente de honra o líder comunista Luís Carlos Prestes. Após ser posta na ilegalidade, a organização iniciou em 1935 a preparação para um movimento armado que tinha como objetivo a derrubada de Vargas e a ascensão de Prestes como chefe de um governo popular.

Os levantes militares ocorridos nesse contexto foram sobrepujados pelas tropas governamentais. O fracasso do movimento serviu como contundente justificativa para a repressão ao PCB e serviu de base para a disseminação de imaginários negativos ao partido. A forte referência nesses imaginários é o fator traição juntamente com derramamento de sangue. A imagem do comunista como uma pessoa perversa, traiçoeira foi bastante difundida a partir da eclosão e fracasso do levante. Narrativas apontam que determinado regimento havia sido atacado à noite, estando desprevenidos os militares que foram acordados com golpes traiçoeiros do movimento⁹³.

⁹⁰ *Gazeta de Minas*, vinte e um de agosto de 1960.

⁹¹ MARIANI, Bethania, *O PCB e a imprensa*, p.19.

⁹² SÁ MOTTA. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 2002, p.67.

⁹³ Sá Motta. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, pp.79-80.

Em sua problematização sobre o assunto, Sá Motta aponta que “o caráter dito traidor dos comunistas atuantes na ‘Intentona’, especialmente no que respeita à suposta traição à corporação militar, recebeu um argumento forte nas versões sobre assassinatos de oficiais que dormiam no momento da Insurreição”⁹⁴. Conforme Rodrigo Pato Sá⁹⁵ Motta essa associação mítica do comunismo a traição foi muito recorrente em representações anticomunistas. A versão de que os militares revolucionários do Rio de Janeiro mataram, na madrugada de 27 de novembro, colegas que dormiam em suas camas, constituiu num dos pontos mais importantes da *legenda negra* criada em torno da “Intentona”.⁹⁶

Rodrigo Pato Sá Motta chama atenção ainda para o fato de serem essas representações relativas ao levante permeada por exageros inclusive referente ao número de mortos⁹⁷ que por vezes foi apresentado como algo de proporção bem maior do que registros da época apontam.

Percebe-se na análise do artigo de Monsenhor que certas categorias de representações sobre o comunismo são mantidas por longos períodos. No caso em questão, o artigo foi publicado em 1960 resgatando um evento de 1935 que contribuiu para a construção de um imaginário em torno dos comunistas que evidenciavam a faceta violenta e traidora dessa corrente. A replicação de tais representações em um jornal local era particularmente importante, considerando a ainda acanhada circulação de uma imprensa nacional pelo interior.

Uma das categorias mais recorrentes em matérias nessa coluna é a da infiltração. Parte do conjunto de interpretações que personifica o comunismo na figura do outro, daquilo que vem de fora. A maioria dos escritos na Coluna Martelando deixa claro a necessidade de união de forças para a derrocada do comunismo. Além disso, deixa claro também as mazelas de muitos que não dão a devida importância para esse perigo. “O comunismo está se alastrando pelo Brasil. Ninguém se incomoda. Parece a coisa mais natural deste mundo. Todos são inocentesinhos...”⁹⁸

A hipótese de que as pessoas aderem ao comunismo por vontade, por conhecer a ideologia é por muitas vezes negada e substituída para a questão da inocência. As

⁹⁴ *Ibidem.*

⁹⁵ *Ibidem.*

⁹⁶ *Ibidem.*

⁹⁷ *Ibidem*, p.81 e 82.

⁹⁸ *Gazeta de Minas*, vinte e um de agosto de 1960, p.3.

peças não estariam percebendo o mau para o qual estavam abrindo a porta. “Acham bonito mas não entendem nada: Muita gente pretende fazer bonito. Súcias de bobos? Ou inocentes úteis nas mãos dos maus?”⁹⁹

Dentre os adjetivos atribuídos ao comunismo o de mentiroso merece destaque. Grande esforço foi investido nessa questão na coluna de Monsenhor. “Os nossos comunistas nacionais seguindo a linha internacional dos bolchevistas fazem um ambiente de mentiras, porque o clima da propaganda comunista é sempre a pura mentira”¹⁰⁰.

No artigo “10 mentiras do nosso tempo” Monsenhor elenca dez questões mentirosas. Esses itens revelam características do comunismo como: “Julgar tolerância o direito concedido ao erro e ao vício; Julgar democracia a supremacia das classes inferiores sobre as classes superiores”. Zé canela de Ferro ainda arremata: “Os comunistas são os mestres da mentira. O que dizem significa o contrário”¹⁰¹.

É interessante nesse artigo pra além da questão da mentira presente no discurso dos comunistas a definição de democracia defendida quando atacam a definição comunista. Seria então a democracia a supremacia das classes superiores? Pelo menos é o que dá a entender as palavras do colunista.

Outro artigo sugestivo nessa linha foi intitulado: “Mente pr’a cachorro”:

Liberdade! Democracia! No regime soviético é pura mentira!
 Bem estar, fortuna. Pura mentira!
 Todos iguais. Pura mentira!
 A mentira é o farol que ilumina a propaganda comunista.
 Aliada à força que esmaga povos e nações¹⁰².

A disseminação da ideia de que o comunismo era uma mentira tinha um fundamento. Existiam questões defendidas por essa corrente que podiam ser atraentes. A questão da democracia, da ascensão das classes menos favorecidas, a igualdade. Isso faz parte de um ideal de país por muitos desejado. Por isso, Monsenhor sentia-se na necessidade de esclarecer que na realidade as propostas comunistas não se concretizavam eram apenas engodo.

⁹⁹ *Gazeta de Minas*, sete de fevereiro de 1960, p.3.

¹⁰⁰ *Gazeta de Minas*, dezessete de junho de 1962, p.3.

¹⁰¹ *Gazeta de Minas*, cinco de agosto de 1962.

¹⁰² *Gazeta de Minas*, trinta e um dos três de 1963.

Não importava a época, não importava a notícia. Em qualquer assunto, o combate ao comunismo cabia muito bem. Uma mensagem do Dia das mães, deixada por Monsenhor Leão, chama a atenção sobre a habilidade por ele desenvolvida para conduzir a narrativa até chegar à questão comunista. O título da matéria que se segue é “Mamãe”:

Como é bom considerar, neste dia, o que é, o que vale, o que representa uma mãe. Notem bem. Uma mamãe! Desgraçadamente um tremendo materialismo vai deformando o nome e o amor de mãe. Tanto é assim que, quantas vezes ouvi: qual nada, o comunismo não triunfará no Brasil onde se cultua o amor de mãe. Vai se esfriando o amor de família¹⁰³.

Críticas mais generalistas culpavam o poder público pela falta de atitude ante o perigo. “Os poderes públicos não veem o perigo. Tenho a impressão que está acontecendo com os governantes o que aconteceu com faraó no tempo de Moisés: coração endurecido que afronta o perigo.”¹⁰⁴

Nas críticas destinadas ao presidente Jânio Quadros, Monsenhor Leão recorreu a várias passagens de seu governo, falas, ações dando exemplos de como o governante estaria flexível ante a ameaça iminente. Faz referência à política externa do governo brasileiro no seu posicionamento na Conferência de Punta Del Leste favorável à permanência de Cuba aceita na Organização dos Estado Americanos (OEA)

Em Gazeta de Minas da semana passada lemos um telegrama que define a simpatia –quem sabe, também, a adesão – do senhor Jânio Quadros ao barbudo Fidel Castro de Cuba. O ex governador paulista chama o “barbudo” de “honrado democrata”, “modelo de patriota”!¹⁰⁵

Assim alertava Monsenhor. As vias pelas quais o comunismo tentavam infiltrar eram muitas. Se de um lado havia os inocentes simpatizantes, por outro o problema estava nas mãos do governo que nada ou muito pouco faziam para barrar as ameaças.

¹⁰³ *Gazeta de Minas*, doze de maio de 1963.

¹⁰⁴ *Gazeta de Minas*, vinte e um de agosto de 1960, p.3.

¹⁰⁵ *Gazeta de Minas*, trinta e um de julho de 1960, p.3.

2.3 Igreja Católica: apelo à moral e aos bons costumes

As análises realizadas sobre os escritos de Monsenhor Leão em maior ou menor grau trazem a tona a peleja da Igreja Católica contra o comunismo. Filtradas pelo colonista, as ofensas à religião permeiam todas ou quase todas as matérias aqui analisadas. Ainda assim, nessa unidade tratamos especificamente dos embates entre Igreja Católica e Comunismo e as nuances que esses embates recebem ao longo dos artigos publicados na coluna Martelando.

Qual comunismo a Igreja Católica estava combatendo? De que forma esse espantalho estava sendo construído? Para a Igreja Católica, o comunismo se camuflava em diversas situações. O que fugia aos padrões católicos era comunismo. Do que pudemos inferir nos escritos do Monsenhor Leão, não havia uma regra clara para aquilo que pertencia ao antro das manifestações comunistas. Fugiu à regra católica, estava taxado assim. Pois, afinal, o comunismo era o maior inimigo do cristianismo uma afronta à Igreja Católica: “O comunismo não dorme. Continua sua campanha de mentiras contra o cristianismo e a personalidade humana, campanha de revolta e da inquietação”.¹⁰⁶

Carla Rodeghero que discute essa questão em sua obra “O diabo é vermelho”¹⁰⁷ e a retoma em sua tese de doutorado *Memórias e avaliações: norteamericanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*¹⁰⁸ na qual a autora realiza uma pesquisa sobre a recepção do comunismo brasileiro no período em questão. “A igreja, em suas lutas contra o processo de modernização, laicização e secularização, passava a relacionar o comunismo com uma série de situações nas quais a autoridade da Igreja e o *status quo* fossem questionados”.¹⁰⁹

Uma gama de situações, tidas como problema para a Igreja, é fonte de questionamentos e ataques que relatavam o perigo que o comunismo apresentava para a família, a moral, sexualidade, comportamento, lazer. Dentro daquilo que questionava a moral cristã, postura e princípios que feriam seus ensinamentos eram todos taxados de comunistas.

¹⁰⁶ *Gazeta de Minas*, vinte e oito de agosto de 1960, p.3.

¹⁰⁷ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*. Imaginário Anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964. Passo Fundo: EDIUPF, 1998, 148 páginas.

¹⁰⁸ RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norteamericanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Tese de doutorado.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p.337

O apelo político ressaltando as mazelas que a ideologia comunista podiam causar aos países que a esse sistema fizessem adesão foi uma contundente linha de atuação da coluna Martelando. A questão da moral, dos bons costumes e da família compôs uma vertente mais significativa ainda. Essas questões abocanharam grandes espaços nos artigos de Monsenhor Leão.

Nas palavras de Sá Motta, nos combates ao comunismo, “a influência do discurso religioso foi marcante, uma vez que os comunistas foram apresentados como adversários irreconciliáveis da moralidade cristã tradicional”¹¹⁰. O apelo nesse sentido trazia argumentos caros ao catolicismo. Além de condenar os insultos à moral, a coluna utilizava-se dos mais variados exemplos de fatos ocorridos com pessoas que decidiram adotar o comunismo. O excerto que se segue, foi publicado na coluna Martelando em 1960, tratando de um caso ocorrido com o bispo de Prato na Itália um ano antes:

Mauro Bellandi, chefe comunista em Prato [...] casou-se com Loredana só no civil, recusando ambos o sacramento do matrimônio embora dizendo-se católicos. Deram uma festa na praça da Catedral, com a presença do prefeito comunista. Monsenhor Fiordelli, bispo da cidade, ante tamanha provocação, qualificou os recém-casados de pecadores públicos. Mauro, falindo em seu comércio de salsicha um ano depois, quis acertar lucros e perdas com ajuda da mitra diocesana e processou o bispo por calúnia. Num processo injusto, o prelado foi condenado ao pagamento de pesada multa e custos judiciais. De repente Mauro ficou paralisado. Seus amigos, negando qualquer possibilidade de castigo divino, falam em traumatismo moral, sem explicar, porém, como pode o traumatismo vir atrasado de um ano¹¹¹.

A publicação de exemplos como o acima referido era um apelo ainda mais contundente aos cristãos, pois mexia com o medo, com o temor imaginário diante das punições divinas destinadas àqueles que aderiam ao comunismo e contestavam a Igreja Católica. Bronislaw Baczko refere-se à imaginário como um sistema de interpretação e valorização pois, “suscita adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma

¹¹⁰SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 2002, p.62.

¹¹¹ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de março de 1960, p.3.

ação comum”¹¹². Como afirma Pierre Bourdieu, “as palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou simplesmente, representações falsas”¹¹³. A estratégia em artigos como esses fica bem clara. Trabalhar o imaginário das pessoas, moldando o comportamento destas. Por meio de exemplos de fatos ocorridos com comunistas, causar medo e recusa a essa ideologia.

O caso citado acima mostra questões caras à linha de combate da Igreja Católica: a recusa da religião típica de comunistas a punição divina que deixam clara a oposição comunismo x religião, o fato de serem os comunistas aproveitadores que querem obter vantagens à custa da Igreja e mais uma vez o reforço da punição divina no caso da paralisia do referido sujeito da história narrada.

Os ataques às práticas imorais estavam intimamente relacionados ao avanço do comunismo ou ao menos à possibilidade de avanço uma vez que de maneira geral, as práticas sempre eram relatadas atreladas a ação de algum comunista. Em uma série de artigos intitulados “Corromper”, já citados em outra oportunidade, são apresentados pelo colunista significados para os desvios de conduta. Aponta este que pra além da corrupção eleitoral, política e econômica, há outro tipo está invadindo os lares: a corrupção moral. As pessoas nas palavras do Monsenhor, destinam seu tempo para criticar a corrupção mas estão deixando-a entrar sem seus lares. Elas não fazem ideia daquilo que muitos que clamam pelo fim desses atos degenerativos escondem por trás de suas palavras.

Nas campanhas cívicas, ou melhor, nas campanhas políticas, o xingatório contra a corrupção é tremendo... Ah! Se os ouvintes vissem o “rabo de palha” dos intrigueiros e dos adeptos do tal partido!... [...] Ou são bobos ou já perderam a noção do pudor os que não enxergam a lama da imoralidade. [...] De mais a quem esteja interessado nas bancarrota da moral cristã faz anos¹¹⁴.

Os “intrigueiros”, adeptos do Partido comunista falam em acabar com a corrupção enquanto são eles, na interpretação os escritos do Monsenhor nos permite fazer, a própria corrupção. E o mundo, continua ele, está tão envolvido na lama da imoralidade que não percebe que isso é só um meio de os comunistas, que querem o fim

¹¹² *Ibidem*.

¹¹³ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1997. p. 30.

¹¹⁴ *Gazeta de Minas*, vinte e um de fevereiro de 1960, p.3.

da moral cristã, se autoafirmarem: “De fato, a imoralidade aniquila o sentido da personalidade humana. O comunismo esmaga e enfraquece a moral pública, ficando o povo, inclusive a juventude, um instrumento dócil nas mãos dos perversores bolchevistas”¹¹⁵.

Essa juventude precisava de esclarecimentos pois a disseminação da imoralidade se fazia por vários meios inclusive por meio da distribuição de revistas com teor comunista incitando em especial as mulheres para atos imorais. Exemplo disso pode ser encontrado no artigo “Comunismo em foco”, no qual Monsenhor Leão comenta outro artigo de um folheto da Ação Democrática.

Por vezes, é importante ressaltar, Monsenhor fazia transcrições de escritos anticomunistas endossando e comentando as ideias expostas: “O artigo da AD Ação Democrática¹¹⁶ traz uma notícia que bem caracteriza o que é propaganda comunista e que não pudemos fugir do interesse que desperta, pelo que transcrevemos, para os incautos úteis deste grande país”¹¹⁷.

No artigo em questão, da edição número 2 do mês de maio de 1960 sob o título de “Veneno para mulheres inteligentes” há um alerta para revistas como “Mujeres Del Mundo Entero, editadas em Berlim Ocidental e que estão sendo distribuídas com teor totalmente questionável:

Da primeira à última página a publicação faz apologia ao comunismo revelando se, no particular, bem pouco feminina e bem pouco inteligente. As damas cuja fotografia estampa, por exemplo são, para usarmos uma expressão pitoresca, verdadeiro breve contra qualquer pensamento pecaminoso. As modas que exibem envergonhariam qualquer costureira do arraial do toco seco. –Bem, mais há o espírito – dirão alguns cidadãos cor de rosa, pensarão os ‘chapeuzinhos vermelhos’. Não, também não há isso nessa publicação comunista que qualquer mulher de bom gosto rejeitará que qualquer mulher inteligente repudiará, porque a mentira é palpável, porque a tendenciosidade salta aos olhos, o desejo de intrigar é evidente¹¹⁸.

¹¹⁵ *Gazeta de Minas*, dezoito de setembro de 1960, p.3.

¹¹⁶ Provavelmente uma publicação do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), organização política e eleitoral e de propaganda anticomunista fundada em 1959 por Ivan Hasslocher, com a colaboração de empresários brasileiros e estrangeiros. Ver *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. FGV-CPDOC.

¹¹⁷ *Gazeta de Minas*, vinte e seis de junho de 1960, p.3.

¹¹⁸ *Ibidem*.

A revista em questão traz a exposição das mulheres, modas dignas de vergonha, no ponto de vista da Ação Democrática, como provenientes única e exclusivamente do comunismo. Tacha de portadora de mau gosto ou ignorância qualquer mulher que se interesse por estas revistas pecaminosas. Tentam defender a revista, aqueles que são comunistas, “os chapeuzinhos vermelhos” ou aqueles que estão no meio do caminho, não aderiram o partido, mas são simpatizantes, “os cor de rosa”.

Para arrematar o artigo, Monsenhor reforça que a revista é mesmo um veneno e orienta que “quem quiser acompanhar o que vem fazendo o comunismo para avassalar o mundo e o Brasil, e destruir a civilização cristã é só escrever para a caixa postal 1925, Rio de Janeiro, ‘Ação Democrática’ e a receberá gratuitamente. Vale a pena ler Ação...”¹¹⁹.

As publicações de excertos de artigos de outros autores sobre a temática se estendiam também a pronunciamentos de outros religiosos como o Cardeal D. Jaime Câmara, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), de 1958 a 1963, e o televisivo Bispo católico estadunidense Fulton J. Sheen ambos dedicados com bastante afinco no combate ao comunismo. O primeiro bispo em questão foi uma referência do anticomunismo no Brasil. Enquanto o segundo, líder de grande destaque nos EUA, mas especificamente em Nova York foi responsável por uma gama de publicações de combate ao comunismo, nas quais, a polarização comunismo e catolicismo era denunciada¹²⁰.

Nos registros presentes nas páginas da *Gazeta de Minas* foi notório a influência dos EUA no Brasil no que concerne ao combate ao comunismo. Não somente na coluna “Martelando”, mas em outras seções do jornal, artigos oriundos daquela nação se fizeram presentes. Os escritos de Fulton Sheen eram alvos de elogios, principalmente pela coluna em questão nesse artigo.

Em uma de suas publicações semanais, Monsenhor Leão elogia os trabalhos de Sheen afirmando que “Fulton Sheen descreve com mãos de mestre as diferenças entre o capitalismo e o comunismo”¹²¹. No artigo em questão, são apontadas algumas diferenças entre comunismo e capitalismo.

¹¹⁹ *Ibidem*.

¹²⁰ Para mais informações ver: Rodeghero, Carla Simone. Memórias e avaliações: norteamericanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964. Tese de doutorado.

¹²¹ *Gazeta de Minas*, sete de fevereiro de 1960, p.3.

O capitalismo faz da produção, da riqueza material o principal fim do homem; o comunismo faz dela o único fim do homem. O capitalismo dificulta a posse da propriedade produtiva, o comunismo a torna impossível. O capitalismo tolera o direito de greve; o comunismo proscree-a como se fora delito, crime.¹²²

Ao citar trechos do bispo norte-americano, Monsenhor Leão problematiza que, comunismo e capitalismo são assuntos do dia. Muitos falam sobre isso porém poucos sabem o verdadeiramente significado para esses sistema. Parece-nos que Monsenhor assume a missão de esclarecer melhor as pessoas parafraseando Sheen para definir cada um desses sistemas ideológicos.

A explicação dada, como seria de esperar, mostra que se o capitalismo apresenta certas características e até podem ser contestadas, mas as características do comunismo são ainda piores. O que nos leva a entender que mesmo não sabendo bem sobre as duas ideologias, o leitor estaria então sendo informado que por pior que fosse o capitalismo, o comunismo ainda seria muito mais prejudicial.

2.4 O Partido Comunista

Com relação ao Partido Comunista, inferimos que não foi grande o destaque dispensado pelo Monsenhor ao PC em nosso país. São esparsas as referências à organização do partido em nosso território. No período da produção dos artigos na coluna “Martelando”, o Partido encontrava-se na ilegalidade. Quando muito, encontramos alguma referência do Partido Comunista em Pernambuco, num artigo que trata da penetração no Nordeste¹²³, ou sobre a busca por legalização do Partido¹²⁴. Ademais, o que encontramos são matérias que associam o comunismo como algo importado. Acreditamos que o fato de serem poucos os artigos destinados à organização do PC no Brasil está aliado à necessidade de reforçar que o comunismo era estrangeiro, tentativa de outros países de infiltrar no país.

Manifestações populares como, por exemplo, as greves ocorridas nas décadas de 1950 e 1960 eram retrato do avanço comunista no Brasil, para o qual Monsenhor chamava atenção: “As greves últimas foram sinais de que o inimigo está dentro do

¹²² *Ibidem*.

¹²³ *Gazeta de Minas*, vinte e oito de agosto de 1960, p.3.

¹²⁴ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de novembro de 1960, p.3.

Brasil. É o olho de ‘Moscou’ pelos seus espiões e traidores da nossa pátria que está vendo e agindo¹²⁵”. Monsenhor refere-se neste artigo às greves dos 300 e 400 mil ocorridas em São Paulo em 1953 e 1957 que empunhavam a bandeira do aumento do salário mínimo que desde que criado em 1941 até 1954 não havia passado por nenhuma correção.

De fato, a participação dos comunistas nessas greves foi muito relevante. Marca o engajamento do partido nos espaços sindicais: “A participação dos comunistas se deu em vários níveis. Ao perceber sua importância e amplitude, a direção partidária voltou-se integralmente para o movimento”¹²⁶. O fato, que mostrava uma importante frente de engajamento do partido em lutas sociais acena para Monsenhor como um importante sinal do perigo que rondava o Brasil.

O apelo que chamava atenção para as greves e a infiltração comunista no país, refere-se também à figura de Luiz Carlos Prestes o qual, tratado como um homem distinto era, ao mesmo tempo, colocado em xeque pela atuação na disseminação de ideias comunistas no país.

É pena ver um homem de tal envergadura preocupado em inflar no Brasil um regime estrangeiro, totalitário, que, sob o disfarce de proteger os operários e as classes pobres, os cativa para, em seguida, os escravizar com uma ferocidade jamais presenciada na História da Humanidade¹²⁷.

Ainda no mesmo artigo, o autor arremata listando as conseqüências que o país sofreria caso fosse novamente legalizado o PCB no país:

Se por acaso, suceder que seja legalizado o Partido comunista no Brasil, imediatamente perceberíamos os bafos comunistas a influenciar a nossa sociedade. Haveria radical transformação. As idéias materialistas do marxismo invadiria o ensino monopolizado. A família seria esquarterada pelo divórcio, pelo amor livre, pela

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ SILVA, Fernando Teixeira; SANTANA, Marco Aurélio. *O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária”*: PCB na redemocratização (1945-1964), p.119. In: FERREIRA; REIS. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil; v.2)

¹²⁷ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de novembro de 1960, p.3.

limitação da prole. Aniquilar-se ia a personalidade individual para se transformar cada homem numa peça do mecanismo estatal. A igreja perseguida e encarcerada. Todos os que professam alguma religião, sepultados em prisões ou condenados a trabalhos forçados até sucumbirem de inanição¹²⁸.

Dessa vez o argumento central era o PCB e a figura de Luiz Carlos Prestes. Contudo, mais uma vez, o arremate final esteve ligado a questões caras ao catolicismo.

Nenhum outro medo era maior que o da ameaça que o comunismo representava para a Igreja Católica. A reincidência em artigos que caminham sempre na mesma direção aponta, o que já era de se esperar vindo de um Monsenhor que, embora várias bandeiras tenham sido levantadas como armas anticomunistas, a maior delas era a questão religiosa.

Mas, pintar o espantalho com outras nuances ao que parece foi uma forma de o colunista dar uma valorizada a mais na obra, dar harmonia ao conjunto. Os escritos aqui analisados mostraram que Monsenhor buscou a apresentação de uma imagem de quem não queria apenas defender a igreja, mas, defender a democracia, os direitos dos cidadãos, o crescimento do país.

Eis que as razões eram várias para o ataque. O que dizer então da existência de um processo no Dops MG no qual um oliveirense é citado numa investigação de suspeito de comunismo¹²⁹? É uma pena que o processo tenha sido arquivado sem maiores informações que contribuíssem para aprofundarmos na questão, mas um fato como esse associado à intensidade e diversidade dos ataques na Coluna “Martelando” nos permitem compreender que se as canelas do Monsenhor (o Zé Canela de Ferro) não doíam com os chutes do comunismo, ao menos elas latejavam e muito, se não, qual o sentido de tanta lamúria?

2.5 A guisa de conclusão

A coluna Martelando representou bem mais que apenas a voz de uma igreja conservadora. Expôs a voz paternal de um religioso, propondo a todo o tempo uma reflexão sobre a ação das pessoas e a forma como essa ação poderia ou não abrir portas para que a ideologia comunista adentrasse. A principal linha de atuação do discurso aqui

¹²⁸ *Ibidem*.

¹²⁹ ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Dops/MG. Pasta 9897. Rolo049. Maio de 1964 a agosto de 1966.

analisado expõe questões caras à moral católica, e aos costumes dignos de um cristão comprometido com a igreja e com os rumos do país. Chama a atenção o fato de Monsenhor usar de um discurso claro, direto e aguerrido.

As representações construídas em torno do comunismo pintam um inimigo estrangeiro, perverso, perigoso que está disposto a tudo para conseguir infiltrar no Brasil. Ao mesmo tempo, pintam um país flexível a essa ameaça, fruto da negligência por parte daqueles que conhecem a ideologia comunista e de inocência por parte daqueles que, por não possuírem esclarecimento necessário, estão suscetíveis a comprar o discurso do inimigo.

A Igreja Católica na figura do Monsenhor na coluna Martelando, aparece nesse cenário como uma protetora dos inocentes e uma delatora dos negligentes. Para os últimos, o ataque severo e direto. Para os primeiros o esclarecimento e o uso de importante recurso de persuasão: o imaginário. Lança mão de temas sensíveis aos católicos como o castigo divino ante a corrupção da moral cristã e dos bons costumes. Utilizanso se mesmo de exemplo de quem, contrariando a doutrina católica, abrindo as portas para o comunismo, sofreu consequências drásticas em suas vidas.

Monsenhor Leão faz uma miscelânea de diversos contextos de atuação comunista para pintar um espantalho de forma monstruosa. Recorre a diferentes acontecimentos como a Intentona Comunista, os exemplos de outros países como Cuba e Espanha. Arma-se de conhecimentos históricos para agregar mais veracidade ao monstro que ele pretende combater e do qual busca proteger os fiéis.

Investe na retórica do outro, de um mal estrangeiro buscando incutir uma repulsa por parte dos brasileiros. Buscou os mais variados recursos para mostrar que o mal que o comunismo representava não estava limitado aos muros da Igreja Católica e seus dogmas mais aos limites de uma nação, da soberania de um povo que estava tendo sua autonomia e liberdade posta em xeque pelo comunismo.

A figura do Monsenhor aparece então como um conselheiro da massa católica e das ovelhas desgarradas. O homem íntegro, severo, perfeccionista usou e abusou das armas que tinha em mãos para o combate ao comunismo: um importante meio de comunicação na cidade, o jornal Gazeta de Minas leitura presente nos lares católicos e o respeito e admiração que os anos de sacerdócio e dedicação às causas sociais havia lhe conferido.

3 REPRESENTAÇÕES ANTICOMUNISTAS NA GAZETA DE MINAS

A magnitude do imaginário anticomunista enquanto agente transformador da política brasileira é indiscutível. Haja vista, a mobilização em meados da década de 1930, antecedendo o Golpe do Estado Novo bem como em princípios da década de 1960 antecedendo o Golpe Militar. As construções em torno do comunismo funcionaram como um estímulo aos medos, à insegurança, às incertezas, deixando as pessoas suscetíveis à adesão a um determinado conjunto de valores então disseminados.

As recorrentes construções anticomunistas em momentos de instabilidade política tiveram importante papel como justificativas para a necessidade de intervenção autoritária. Uma verdadeira indústria anticomunista¹³⁰ foi forjada nesses momentos, distribuindo uma gama de atributos negativos que faziam do comunismo, a maior ameaça ao país.

A intervenção autoritária propriamente dita, em 1964, não faz cessar a produção anticomunista ainda que esta se retraia um pouco. O medo do comunismo serve como um esteio para a intervenção, mas também como justificativa para a permanência de uma nova ordem. Direcionando a discussão para o Golpe Militar de 1964 e a instauração de uma ditadura no Brasil, partimos do entendimento de que o período anterior ao Golpe foi um celeiro de propagandas anticomunistas, mas, que, ainda que timidamente, essas produções permanecem ao longo da década de 1960.

A cada nova situação no panorama nacional, uma série, publicações e manifestações dão vida a interpretações e posições sobre a temática. Essas interpretações materializam-se através dos meios de comunicação, dentre eles, os jornais, importante fonte para análise dos registros sobre as alterações políticas de uma época. A efervescência e radicalização política vivida na década de 1960 no Brasil ganharam notoriedade nas páginas de nossos impressos que, para além de transmitir informações, assumiram o papel de defesa ou de ataque a posições passando bem longe da neutralidade propalada.

¹³⁰ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002,67.

Neste capítulo, realizaremos uma análise de como o jornal *Gazeta de Minas* se posicionou durante os acontecimentos políticos no Brasil na década de 1960. Nosso interesse maior é compreender como foram divulgados os momentos políticos brasileiros à luz de uma imprensa anticomunista. Para isso, selecionamos alguns momentos-chave como o contexto anterior ao golpe e os momentos do Golpe propriamente, a nossa política externa, a questão das Reformas de Base, a implementação do Ato Institucional número 5 e seus desdobramentos, e o ano de 1968 enquanto um ano de manifestações de reação da população.

As análises em torno desses eventos¹³¹ serão desenvolvidas não somente por meio das matérias dos jornais, mas relacionadas concomitantemente com a historiografia a respeito dos determinados assuntos. A cada etapa, primeiramente apresentaremos uma análise historiográfica e em seguida a discussão em torno das matérias publicadas pelo jornal *Gazeta de Minas* no mesmo período buscando assim, compreender as publicações jornalísticas como uma representação construída em torno dos eventos e que estas estão passíveis a interpretação e até mesmo distorção de acordo com a linha seguida pelo jornal.

3.1 Ano de eleição: momento chave para o combate ao comunismo

O combate ao comunismo se fez presente em diversos meios de comunicação, especialmente em jornais no Brasil, desde a crise que culminou com a derrubada do regime czarista russo. Amedrontados com o exemplo, adeptos a uma política conservadora aproveitaram todos os espaços e momentos para propagar o anticomunismo. Personificando na figura do outro, do inimigo, uma série de matérias foram publicadas em nossa imprensa alertando para o perigo da infiltração. “A imprensa, desta forma, contribui na construção de uma ‘verdade local’ invocando um inimigo universal, nomeado comunismo”¹³².

¹³¹ Segundo Reinhart Koselleck a experiência histórica que constitui o evento está necessariamente inserida na sucessão temporal, ou seja, um evento é composto de num mínimo antes e depois que se organizam antes de tudo pela cronologia natural. Ver: KOSELLECK. *Futuro Passado*, 2006, p.134.

¹³² MARIANI. *O PCB e a imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989, 1988,

¹³² *Ibidem*.

Esse inimigo universal por inúmeras vezes esteve personificado na figura dos russos ou dos cubanos, personagens externos, mas, sempre que possível, infiltrados no Brasil como podemos observar na matéria a seguir. “É incrível a quantidade de propaganda soviética no Brasil e em toda a América Latina. (...) No Brasil, uns quarenta jornais são sustentados por comunistas”¹³³. O mesmo texto ressalta ainda a descoberta da chegada ao Rio de Janeiro de uma carga de filmes soviéticos cujo disfarce presente na denominação na carga era “inseticida para aviões”. De acordo com a matéria, a carga descoberta era composta por 200 filmes soviéticos provavelmente destinados a agentes russos no Brasil e teria grande potencial para a infiltração, pois “mostram como se podem insuflar ideias comunistas nas fábricas e repartições envolvendo funcionários e colegas a aderir ao comunismo. Mostram também como se deve agir para executar um plano subversivo”¹³⁴.

A matéria sobre os inseticidas para aviões partiu de outra matéria já publicada no jornal *Correio Riograndense* e adquiriu tamanha importância para o semanário que foi repetida na mesma edição na coluna “Informando e Comentando” de Gumercindo da Silveira. O colunista em questão foi importante líder católico na cidade participando tendo trabalhado na Gráfica e editora Santa Cruz Ltda pertencente à Diocese e mantenedora do jornal. Foi Gumercindo inclusive que, num momento de crise da Gráfica, recebeu o jornal *Gazeta de Minas* como pagamento de seus direitos trabalhistas. Na matéria em sua coluna sob o título de “Nunca é demais repetir”, Gumercindo reprisa o assunto apresentado na matéria da primeira página, acrescentando um apelo aos cristãos: “Acautelem-se cada vez mais, os verdadeiros católicos e patriotas”¹³⁵.

Nesse trecho, o colunista ressalta ainda o comunismo enquanto externo ao aconselhar cautela aos patriotas. Dessa forma, ao chamar os brasileiros, patriotas para o cuidado, ele reforça a identidade nacional, e católica, em detrimento ao “outro comunista”. Para Mariani, “definir o outro-comunista (quer genérico, quer localizado concretamente na figura dos russos, quer infiltrado no Brasil) através da posição do eu mesmo brasileiro, possibilita então, a reafirmação da identidade nacional”¹³⁶.

¹³³ *Gazeta de Minas*, dezessete de janeiro de 1960, p.1.

¹³⁴ *Gazeta de Minas*, dezessete de janeiro de 1960, p.1.

¹³⁵ *Gazeta de Minas*, dezessete de janeiro de 1960, p.4.

¹³⁶ MARIANI. *O PCB e a imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989, 1988,

Outras colunas do Jornal Gazeta de Minas também privilegiaram a questão da infiltração comunista no Brasil como nos escritos de Monsenhor Leão, já trabalhados em capítulo anterior. Em sua coluna, Monsenhor teve como principal linha de pensamento o comunismo enquanto o outro que tenta a todo o momento se infiltrar no país. Em seus artigos, é feita a classificação de cidadãos traidores que permitem, quando não possibilitam, a entrada do comunismo e os inocentes que não se dão conta do perigo da infiltração. Bethânia Mariani expressa essa dicotomia: “Um brasileiro comunista então é, um *mau cidadão*, ou quando muito, um espírito *fraco*”¹³⁷. Em ambos os casos, a ideia de comunismo referente ao outro e que tenta se infiltrar está bastante presente nas páginas da *Gazeta de Minas*.

Ainda se tratando da preocupação com o avanço do comunismo, o ano de um pleito impunha a necessidade de esclarecimentos e alertas contra o perigo, pois, uma vez que a infiltração estava cada vez maior, era necessário instruir a população sobre os problemas em se eleger um candidato com tendências comunistas.

A Igreja católica, que desde princípios da década de 1950 vinha caminhando para uma nova configuração do catolicismo voltando suas ações para as causas sociais e populares, exerceu grande papel nessa busca por instruir a sociedade. Merece destaque nesse processo, a participação de Dom Helder Câmara na direção da CNBB estimulando “a participação de leigos em diversos movimentos sociais, bem como a publicação de artigos, documentos, trocas de experiências”¹³⁸, ao mesmo tempo em que alertava ele sobre as ameaças comunistas:

tive notícias fidedignas de que vai ser ativada a frente comunista de catequese contra a igreja especialmente no Brasil, que se mostra mais combativa, participando seus líderes dos movimentos populares que visam o bem estar do seu povo. Pelo menos a Igreja Católica está cumprindo sua missão. Poderão afirmar o mesmo as demais autoridades e cultos religiosos?¹³⁹

Dentro desse contexto de renovação da Igreja Católica, a transcrição de artigos do arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime Câmara no jornal *Gazeta de Minas*, era recorrente na tentativa de alertar à população sobre as ações empreendidas pelos

¹³⁷ *Ibidem*, p.161.

¹³⁸ DELGADO;PASSOS. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970), p.108 In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano*. O tempo da ditadura, 2003.

¹³⁹ *Gazeta de Minas*, doze de junho de 1960, p. 1

comunistas infiltrados em nossa sociedade. O arcebispo, em uma palestra radiofônica que teve trechos publicados na *Gazeta de Minas*, demonstrava preocupação com os jovens em especial os universitários, tidos como público-alvo para a infiltração dos vermelhos. ”O objetivo número um dessa ofensiva será a juventude universitária, por ser considerada um dos vínculos mais eficientes de propaganda e ao mesmo tempo um dos melhores meios de ação”¹⁴⁰. São vários os pronunciamentos do arcebispo reproduzidos no jornal que demonstravam uma preocupação com os jovens enquanto meio de disseminação dos ideais comunistas haja vista a adesão ou simpatia da juventude aos ideais revolucionários.

E não era pra menos. A igreja católica mostrava-se de mangas arregaçadas para o combate ao comunismo. E as justificativas não eram poucas. Além da força da ameaça externa, neste mesmo contexto o Brasil tinha concomitantemente um desafio interno a vencer. O crescimento de organizações de esquerda. A igreja, que até então buscava diálogos com a sociedade civil assistiu uma virada na direção da JUC, Juventude Universitária Católica, movimento que teve sua origem na Ação Católica, organizada no Brasil desde 1920 e que buscava abrir espaços de atuação de leigos na igreja bem como aumentar a influência da igreja na sociedade.

A partir da década de 1950 a Igreja Católica traça novos rumos e por meios de uma série de intervenções como a formação de círculos operários, denúncias relativas à situação do Nordeste, preocupação com as questões da Amazônia buscando interferir na realidade. Mas, essas mudanças também foram sentidas no interior da JUC que passa de identificar com movimentos estudantis como a UNE. “A cada encontro as discussões no interior da JUC foram revelando uma postura política e ideológica engajada”¹⁴¹.

As dissidências dentro da JUC contribuíram para que a ala mais esquerdista formasse um grupo no qual os cristãos pudessem participar e a partir do ano de 1962 iniciaram uma série de encontros que deram origem à formação da AP, Ação Popular. “A Ação Popular conheceu um rápido e importante crescimento, atingindo mais de três mil militantes em pouco mais de dois anos de atividade, crescimento somente interrompido em consequência do golpe militar de 1964”¹⁴².

¹⁴⁰ *Gazeta de Minas*, dezessete de julho de 1960, p. 5.

¹⁴¹ TEIXEIRA, Wagner da Silva. Os cristãos e as esquerdas em 1960: uma historiografia da Ação Popular, p.3. In: MATA, MOLLO e VARELLA. (orgs.). *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009. ISBN: 978-85-288-00616.

¹⁴² *Ibidem*, p.6.

A preocupação com a orientação da juventude se materializou numa série de medidas tomadas pela igreja visando “orientação pública sobre os problemas mais graves e urgentes da nação e que se ligam ao desenvolvimento da religião, da pátria, da justiça e da moral”¹⁴³. Nessa ação da igreja, bispos foram escalados pra ministrar conferências sobre temas como família, educação, Justiça social, nacionalismo e reforma agrária, tendo como um dos pontos importantes, a preocupação com os jovens: “há um movimento de agitadores que pretende explorar a classe estudantil de grande repercussão.”¹⁴⁴

Nesse primeiro semestre de 1960, as palavras de Dom Jaime de Barros Câmara se fizeram palavras de ordem no jornal. Cada ação empreendida pela igreja católica era traduzida em suas palavras nas suas palestras e programas radiofônicos como “A voz do pastor” e eram transcritas pela *Gazeta*. Como nos mostra o trecho a seguir:

O eminentíssimo Cardeal Dom Jaime, arcebispo do Rio de Janeiro, no seu programa semanal “A voz do pastor” fez mais uma advertência sobre o perigo, sempre maior, do polvo comunista, tanto no mundo inteiro como também em nossa Pátria. O comunismo torna-se tanto mais perigoso, quanto mais dócil, maneiroso e pacífico de se mostrar¹⁴⁵.

A orientação de Dom Jaime voltada para o ano eleitoral exemplifica bem o novo papel da igreja que com relação à sua linha tradicional, passava por um grande avanço: “Orientava a atuação cristã na sociedade, como também as tomadas de posição no campo político”¹⁴⁶.

O cardeal do Rio de Janeiro Dom Jaime de Barros Câmara voltou a alertar novamente os católicos para as eleições que se aproximam. Depois de repetidas advertências com relação ao voto aos comunistas, veio S.Em. proibir os católicos de votar nos candidatos divorcistas que não são poucos. Disse D. Jaime que, ‘os católicos não podem por dever de doutrina, votar em candidatos que são divorcistas e lutam

¹⁴³ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de setembro de 1960 p.3.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ *Gazeta de Minas*, dez de julho de 1960, p. 1.

¹⁴⁶ DELGADO;PASSOS. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970), p.109 In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano*. O tempo da ditadura, 2003.

pela implantação do divórcio bem como em candidatos comunistas¹⁴⁷.

A investida da Igreja não se dava somente por meio das palavras de Dom Jaime Câmara bem como em ações com a comunidade católica. Na edição de 31 de julho de 1960, o jornal anunciava a formação da União dos Estudantes Católicos (UEC) numa demonstração de que “a UEC vem contrariar ainda os dizeres tão comuns nas hostes esquerdistas de que a juventude brasileira está totalmente transformada e convertida ao comunismo e amoralismo, esquecida dos sagrados princípios cristão”¹⁴⁸. No mesmo ano, já havia sido noticiado pelo impresso a formação do Movimento Familiar Cristão que está “se estendendo em todo o território nacional graças ao imperativo urgente dos casais familiares para resolver os problemas que afetam a família nos deveres do lar e da sociedade”¹⁴⁹.

Esses movimentos demonstram as intenções da Igreja de renovação do catolicismo atingindo o âmbito nacional e regional. A formação de grupos de orientação católica buscava manter viva a doutrina bem como propagar determinações e posições da Igreja que, como dito no trecho publicado do jornal *L’Osservatore Romano*, busca fortalecer a autoridade eclesiástica: “a Igreja possui plena jurisdição sobre os fiéis e tem o direito e o dever de guiá-los no terreno ideológico e prático”¹⁵⁰.

No plano prático, as matérias do jornal exprimiam um posicionamento diante das eleições que se aproximavam. No artigo “O inimigo está dentro, já citado¹⁵¹, Monsenhor Leão critica o que ele chama de simpatia do senhor Jânio Quadros ao barbudo Fidel Castro, nomeado, como vimos, de “honrado democrata” e “modelo de patriota”, pontificando:

Aquele sanguinário que mata seus colegas de revolução, que amordaça a imprensa e implanta a mais terrível ditadura no país, que persegue os patrícios é o tal honrado patriota, o modelo de patriota. Se o tal candidato acha isso, então o que espero o Brasil se for eleito? Então adeus partidos políticos!...Quem mandará no governo será um

¹⁴⁷ *Gazeta de Minas*, vinte e quatro de julho de 1960, p.1.

¹⁴⁸ *Gazeta de Minas*, vinte um de agosto de 1960.

¹⁴⁹ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de março de 1960, p.1.

¹⁵⁰ *Gazeta de Minas*, trinta e um de julho de 1960, p.1.

¹⁵¹ Página 46, nota 105.

só homem sob o doce patrocínio da mais delicada das democracias que é a Rússia¹⁵².

Na mesma direção, foi publicado um artigo do padre João Botelho intitulado “Nosso candidato à presidência”. Neste, o autor aponta os princípios necessários a um candidato como educação, liberdade de imprensa, moral, família e justiça e arremata:

O Brasil não está precisando nem de ESPADA, nem de VASSOURA, nem de TESOURINHA. Está precisando de consciência e de temos de DEUS, daquele DEUS que vai julgar um dia todos nós, mas que vai reservar um juízo muito mais severo para os que governam e os que desgovernam¹⁵³.

Em suas palavras, nenhuma medida proposta por qualquer candidato tem serventia, se este não teme a Deus. E ainda assevera que o castigo de Deus será ainda maior para os governantes.

O candidato ideal para as eleições de 1960 ia aos poucos sendo desenhado pelo jornal *Gazeta de Minas* tanto pela voz da igreja, quanto pela opinião de figuras locais que, é claro, sempre coincidiam. Assinados por S.Albanêz, uma série de artigos políticos foram publicados no jornal. O articulista também deu a sua colaboração orientando sobre o candidato patriota e honesto: “Um bom candidato deve ser antes de tudo um patriota. [...] O verdadeiro patriota não pode negar o valor do pessoal e do capital estrangeiro. O verdadeiro patriota não é também aquele que vocifera contra os EE.UU. gritando vivas à Rússia”¹⁵⁴. O patriotismo é definido então como dever do cidadão e sinônimo de anticomunismo.

Jânio Quadros não figurava entre o modelo de candidato ideal desenhado pelo jornal que o acusava de inclinação para a esquerda: “Não é pra ser admirado que justamente foi este Fidel Castro que o candidato à Presidência da República, Dr. Jânio procurou? É inclinação para a esquerda. Nós católicos devemos ficar acautelados”¹⁵⁵. As características que o impresso delineava para um presidente não pareciam se encaixar no perfil de Jânio Quadros cujas ações, para o jornal se enquadravam muito bem ao perfil de um comunista.

¹⁵² *Gazeta de Minas*, trinta e um de julho de 1960, p.3.

¹⁵³ *Gazeta de Minas*, onze de setembro de 1960.

¹⁵⁴ *Gazeta de Minas*, dezoito de setembro de 1960, p.3.

¹⁵⁵ *Gazeta de Minas*, oito de maio de 1960, p.6.

3.2 Cuba: uma ponta de lança da Rússia no centro das Américas

Além da questão eleitoral, década de 1960 se inicia com um motivo a mais para se acirrare os ataques ao comunismo: os desdobramentos da Revolução Cubana que, ocorrida um ano antes se caracterizou pela derrubada do poder instituído por revolucionários liderados por Fidel Castro. De acordo com Emir Sader, “essa data criou também uma linha demarcatória na história da América Latina, fazendo com que Cuba se projetasse para o centro do cenário político atual”¹⁵⁶.

O movimento revolucionário cubano possuía de início como objetivos resistir à influência norte americana no país desde seu processo de independência da Espanha bem como fugir das pressões de Fulgêncio Batista que sufocavam o povo cubano. A adesão ao socialismo ocorre posteriormente. O contexto político e ideológico ao qual a Revolução Cubana esteve inserida, durante a Guerra Fria, foi provavelmente uma razão para a adesão ao socialismo, pois se apresentava como a alternativa mais adequada à situação. Num momento de radicalização do período, a política norte-americana de boicote a Cuba, não deixava muitas opções ao país revolucionário. “A aliança com a URSS e os países socialistas foi o caminho natural de sobrevivência da Revolução, bloqueada e agredida pelo sistema capitalista em seu conjunto”¹⁵⁷.

O apoio recebido pelos soviéticos pós-revolução e a adesão ao socialismo anunciada em 1961 fez com que fosse Cuba, alvo das maiores preocupações no início da década de 1960. Desta vez, o risco de contaminação era iminente, já havia atravessado o Oceano. E fazia-se necessária uma força tarefa para isolar outras regiões impedindo a contaminação proveniente do contato com os ideais revolucionários.

Os EUA passam a reunir forças para neutralizar e se possível eliminar as possibilidades de expansão do exemplo cubano por meio de diversas medidas como a repressão, visando o controle de outras regiões, o uso de propagandas além de medidas sociais por meio de ajuda financeira. “A nova política norte americana gerou uma considerável pressão sobre os países da América Latina, na tentativa de estabelecer um cordão sanitário capaz de impedir a progressão do comunismo”¹⁵⁸, afirma Sá Motta.

¹⁵⁶ SADER, Emir. *Cuba, Chile, Nicarágua. Socialismo*. América Latina. São Paulo: Atual, 1992, p.5.

¹⁵⁷ Idem, p.18.

¹⁵⁸ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o 'perigo vermelho': o anticomunismo no Brasil (1917-1964)* São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002, p. 232.

Mas, alerta ainda o autor que, apesar da efervescência do combate ao comunismo incentivado pelos Estados Unidos no período, no Brasil, as mobilizações de combate ao perigo vermelho já existem desde 1930. “A influência norte-americana convergiu e se combinou com uma tradição anticomunista enraizada no Brasil havia décadas”¹⁵⁹.

Seguindo a orientação de isolamento a Cuba, o jornal *Gazeta de Minas* direcionou todas as suas forças para condenar o exemplo cubano. Nesse sentido, não faltaram motivos para o ataque: a perseguição aos religiosos cubanos, a proteção que os cubanos receberam da URSS, os perigos impostos aos estudantes além é claro de frisar o governo revolucionário cubano, na figura de Fidel Castro como traidor ateu e sanguinário.

Em fevereiro de 1960, o jornal noticiava com alarde um caso de tortura a uma religiosa em Cuba. “Religiosa é perseguida e torturada em Cuba por distribuir em sua paróquia cópias de uma carta pastoral contra o comunismo. A jovem Teresita de 25 anos ao se deparar com a polícia secreta mais uma vez em sua casa se pôs fogo e morreu hora depois”¹⁶⁰. A matéria enfatiza os problemas enfrentados por aqueles que buscavam uma resistência religiosa e foi seguida por várias outras que apontavam para a incompatibilidade entre comunismo e religião em Cuba.

Nesse conjunto de matérias o papel da Igreja Católica no Brasil recebe continuidade pelas palavras de D. Jaime, que desaconselhou a participação de brasileiros em um Congresso Latino Americano da Juventude que ocorreria em Cuba na alegação de que este estaria sob “arbitrário controle dos marxistas”¹⁶¹. Buscando respaldar as determinações da igreja católica quanto ao comunismo, vários pronunciamentos do episcopado cubano também foram reproduzidos no jornal *Gazeta de Minas* como no trecho a seguir no qual o arcebispo de Havana, por meio de um telegrama enviado ao Brasil, pondera que o comunismo e o catolicismo são incompatíveis além de alertar sobre o avanço do comunismo contra a vontade dos fiéis católicos: “A alta hierarquia da Igreja disse em uma carta Pastoral que foi lida em todo país que a maioria absoluta do povo cubano que é católico, está contra o comunismo materialista e ateu e poderá ser levado a um regime comunista somente por engano ou pela força”¹⁶². O arcebispo ainda condena o comunismo como despótico e totalitário,

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ *Gazeta de Minas*, dezenove de fevereiro de 1960, p.1.

¹⁶¹ *Gazeta de Minas*, três de junho de 1960, p.3

¹⁶² *Gazeta de Minas*, vinte e um de agosto de 1960, p.4.

características que contrariam todo o ideal católico.

O problema da perseguição à igreja permanecia dando a tônica do jornal nesse ano de 1960 quando Fidel Castro continuava sendo condenado de ateu e perseguidor da igreja. “O Movimento Democrata Cristão de Cuba adverte num manifesto que o regime de Fidel Castro não tem outro objetivo senão banir Deus da vida da nação”¹⁶³. De acordo com essa nota, o principal objetivo do governo de Fidel era a perseguição religiosa e a busca de imposição do ateísmo. Sobre o assunto, Zé Canela de Ferro pronunciava também da coluna “Martelando”:

O presidente da República Cubana já se apressou em explicar ao povo que o governo de Fidel Castro respeita todas as crenças. É assim que os inimigos da igreja agem. Sempre falam em respeito aos católicos. Falam mentindo para enganar os inocentes úteis...depois esmagam a liberdade da igreja¹⁶⁴.

Nessa mesma linha, os ataques ao avanço e consolidação do regime comunista em Cuba ganharam espaço na Gazeta fora da reprodução de documentos institucionais da Igreja. Do ponto de vista leigo, ponderações sobre o caso cubano se intercalavam aos despachos da Igreja como na Coluna “Praça XV” na qual os assuntos mundiais eram informados a partir da leitura e comentários do colunista Baptista Gariglio, que assinava pelo pseudônimo “Oliva”. Em alguns trechos desta coluna, observamos que o autor trata de assuntos referentes ao caso cubano com certo deboche: “Depois que se colocou sobre proteção soviética, os desmandos fidelinos aumentaram. E qualquer reação que houver por parte da América do Norte o chefe cubano apelará para o ‘papai grande’.

O autor continua ainda com uma série de matérias intituladas “Cuba” na qual reporta acontecimentos na ilha de forma bastante crítica:

Fidel Castro volta a ter sede de sangue e volta a fuzilar elementos contra-revolucionários. De tudo o que se passou em Cuba tira-se uma conclusão: acabou uma ditadura e teve início uma outra pior. [...] Cuba é uma ‘ponta de lança’ da Rússia no centro das Américas.¹⁶⁵

¹⁶³ *Ibidem*.

¹⁶⁴ *Gazeta de Minas*, quatro de outubro de 1960, p.3.

¹⁶⁵ *Gazeta de Minas*, dezenove de março de 1961, p.1.

O colunista Oliva condena o governo cubano na figura de Fidel Castro como sanguinário, numa referência às perseguições que os opositores ao movimento estavam sofrendo, trata a Revolução Cubana como um retrocesso e sintetiza atribuindo ao movimento toda a magnitude que ele adquiriu enquanto ameaça à América. Até então, o centro das preocupações era o leste europeu, mas a Revolução Cubana trouxe o problema para o nosso quintal. “Não se trata simplesmente do futuro de Cuba: trata se do futuro da América Latina e dentro em pouco do futuro da humanidade inteira”.¹⁶⁶

3.3 Antecedentes do Golpe: os governos de Jânio e Jango

Eleições de 1960: Jânio Quadros vence as eleições para a presidência da República com 48% dos votos. Contudo, é o candidato da chapa adversária quem vence o pleito para o cargo de vice. Naquela conjuntura, as regras eleitorais estabeleciam chapas independentes para a candidatura a vice-presidência de forma que João Goulart do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) tenha sido reeleito à vice presidência de Jânio Quadros, lançado pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), com o apoio de mais três pequenos partidos – o Partido Libertador (PL), o Partido Democrata Cristão (PDC) e o Partido Republicano (PR) – e pela União Democrática Nacional (UDN).

Seu curto governo, de apenas sete meses, foi marcado dentre outras coisas, por uma política econômica e externa que desagradou diversos setores da sociedade, políticos e as Forças Armadas que até então o apoiava. A perda do apoio político sofrido por Jânio estava diretamente relacionada à política econômica intransigente por ele adotada. Dentre suas ações, podemos citar a restrição de crédito, o congelamento dos salários, o incentivo à exportação como forma de resolver problemas relacionados ao déficit na balança comercial, inflação, aumento da dívida externa.

O noticiário da *Gazeta de Minas* que já pedia cautela com Jânio Quadros nas vésperas da eleição sob acusação de tendências esquerdistas, não demorou muito para começar os ataques ao novo presidente. Sua política externa independente de crítica a intervenções estrangeiras como no caso dos EUA em Cuba e a aproximação com países socialistas como URSS e China ainda no início de seu mandato já estava dando o que falar. No terceiro mês de seu governo, a coluna Praça XV manifestou seu posicionamento:

¹⁶⁶ *Gazeta de Minas*, vinte e cinco de setembro de 1960, p.3.

O Sr. Jânio Quadros já se manifestou favorável ao reatamento das relações diplomáticas com os países da cortina de ferro. Caso se concretize a *idéia* do presidente, estarão abertas as portas do Brasil à intensa propaganda comunista. E na situação em que nos encontramos – miséria, revolta, fome e *desemprego* – isso é um perigo¹⁶⁷.

A posição da igreja Católica sobre o fato foi veiculada no jornal em nota estampada na primeira página:

É claro que, em se tratando do reatamento das relações diplomáticas (as comerciais já existem) com a Rússia e satélites, já tendo mesmo a igreja falado para condenar, está dada a orientação católica. Mas o presidente da República tem de receber manifestações da OPINIÃO CATÓLICA para sentir que governa uma nação católica livre, unida a sua hierarquia. Os comunistas, os ‘nacionalistas’, os liberais já se manifestaram através dos órgãos de imprensa leigos, todos desgraçadamente com mínimas *exeções*, dentro dessa linha nefasta. A imprensa católica numa hora dessas não tem escolha:além de ser contra a tese das relações com a Cortina de Ferro, tem a obrigação moral de não se omitir¹⁶⁸.

A nota deixava clara a opinião da igreja ao mesmo tempo em que criticava a postura do presidente que sempre se afirmou católico. De acordo com a nota, o presidente esperava um posicionamento da Igreja sobre a possibilidade para não parecer quebrar a hierarquia católica da nação, contudo, as manifestações da Instituição na época não impediram que esta ação fosse mais tarde levada a cabo.

Ao se posicionar contra o reatamento diplomático com a URSS, o colunista Oliva faz menção ao contexto vivenciado no Brasil de miséria, revolta, fome e desemprego. Sabido é que a herança governamental de Juscelino Kubitschek para a economia não era nada favorável, marcada por uma crise financeira. Como afirma Vânia Maria Losada Moreira,

JK deixou de cumprir as promessas de desenvolvimento social que, via de regra, estavam associadas à ideia de aceleração da prosperidade econômica. Não conseguiu elevar o nível de vida da população sertaneja, nem tampouco foi bem sucedido em duas outras promessas empenhadas. Os desníveis de desenvolvimento regional não foram

¹⁶⁷ *Gazeta de Minas*, dezenove de março de 1961.

¹⁶⁸ *Gazeta de Minas*, nove de abril de 1961, p.1.

superados. [...] Também não foi superado o tão criticado subdesenvolvimento nacional¹⁶⁹.

A herança econômica de JK deixava o início do governo de Quadros marcado por inseguranças relativas à economia. Quanto a isso, duras críticas eram registradas pelo impresso aqui trabalhado. Num artigo de crítica ao aumento salarial escrito pelo colunista Oliva, nos chama atenção a maneira como este refere-se à reação que o povo poderiam vir a ter:

Temos certeza que isso [aumento salarial] não melhorará coisa alguma. Antes, pelo contrário a coisa ficará pior. Haverá novamente ondas de *desempregos*, pequenas indústrias fecharão suas portas, muitas famílias passarão fome e o número de ladrões poderá aumentar ladrões por necessidade e não por profissão. Este será o panorama brasileiro dentro de alguns dias. [...] Não será surpresa qualquer atitude mais violenta do povo que talvez não suporte a situação criada. Que Deus nos livre de uma solução violenta para a crise, mas...¹⁷⁰

O colunista comenta sobre o que poderia acontecer no país caso a situação de instabilidade econômica não se revertesse fazendo alusão a atitudes violentas por parte do povo. Ao finalizar a nota, Oliva deixa reticências bastante sugestivas sobre a solução violenta como se esta fosse talvez a próxima alternativa.

O jornal Gazeta de Minas não deixou de registrar, e criticar, as ações empreendidas pelo curto governo de Jânio Quadros como na Condecoração do ministro cubano da economia Che Guevara com a “Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” que rendeu duras críticas na coluna “Martelando” do Zé Canela de Ferro, trabalhada no capítulo anterior. A atitude do presidente que teria um tom de agradecimento pelo estreitamento das relações econômicas entre Cuba e Brasil foi condenada pelo impresso como atitude comunista e faz parte do conjunto de questões que começam a desestabilizar o governo de Quadros.

Ainda dentro da Política Externa Independente, o presidente enviou seu vice Goulart à República Popular da China para uma missão comercial e diplomática. Sobre

¹⁶⁹ MOREIRA. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico, p.191. In: FERREIRA;DELGADO. O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 2003.

¹⁷⁰ *Gazeta de Minas*, vinte e três de outubro de 1960, p.1.

esta missão, a Gazeta transcreveu do jornal “O diário” o texto “Nossa Opinião” que teve como novo título “Também nossa a ‘nossa opinião’ de ‘O diário’:

Quando como enviado de sua Excia em nome do Brasil, o senhor João Goulart, retardado convertido ao janismo, proclama que a Revolução comunista ‘liderada pelo grande Mao Tsé Tung é exemplo de como os povos preteridos podem libertar-se de seus exploradores’ quer *êle* significar que o nosso governo nos aponta esses caminhos como aqueles que deverão ser seguidos pelos brasileiros? [...] O governo brasileiro conduzindo sua política externa de um modo que já vai refletindo como pouco prudente, na verdade está fornecendo argumentos aos eternos vigilantes da subversão para que progridam e se justifique¹⁷¹.

A notícia que critica a política externa do presidente e condena o pronunciamento do vice foi publicada na mesma edição em que se registrou a renúncia de Jânio Quadros. Por mais que a notícia, que já havia sido publicada em *O Diário* pudesse parecer ultrapassada, diante dos novos fatos, ela não podia se fazer mais atual: já mostrava as condenáveis atitudes do vice Goulart que naturalmente deveria assumir a presidência. Na mesma notícia foi feita alusão ao uso da força dos ‘eternos vigilantes da subversão’ que dá a entender uma justificativa para o uso das forças militares.

Com bastante alarde pelo impresso oliveirense foi registrada a renúncia do presidente Quadros. Junto com a notícia, a especulação das causas do ocorrido e as dúvidas do que estava por vir. “O Brasil está sob impacto da renúncia do senhor Jânio Quadros da presidência da República. Os fatos que o levaram a tomar essa medida extrema que colocou o Brasil em situação grave são ainda contraditórios”¹⁷².

Na coluna “Informando e Comentando”, Gumercindo da Silveira pronunciou:

Deixar o país na situação em que se encontra, talvez sem precedentes em nossa história, com aquela renúncia brusca e dizer que ainda voltará, é preciso ter muito peito. Coagido ou livre, sua renúncia foi originária de seus atos durante *êstes* 7 meses de governo, através de bilhetinhos, acertados uns, drásticos e impensados outros, principalmente com relação à política externa. Aí estamos decepcionados e colocados na posição de pequeno frente às outras nações. Pobre Brasil¹⁷³.

¹⁷¹ *Gazeta de Minas*, vinte e sete de agosto de 1961, p.1

¹⁷² *Ibidem*.

¹⁷³ *Gazeta de Minas*. Sete de setembro de 1961.

Neste artigo, o colunista critica a atitude de Jânio e, apesar de ressaltar não saber ao certo o motivo para a renúncia “coagido ou livre”, Gumerindo pondera que esta nada mais é que o resultado de suas ações durante o seu governo e dá especial destaque à questão da política externa independente priorizada por Quadros como uma das causas para o desastroso fim da sua administração.

Sobre a renúncia do presidente, que Rodrigo Patto Sá Motta registra como “um lance dramático e pouco esclarecido”¹⁷⁴, defende Paulo Fagundes Visentini, que esta se constituía numa manobra política do então presidente:

Quadros aproveitou a conjuntura para prôpor uma renúncia, que acreditava não ser aceita, com o objetivo de ampliar seus poderes. No entanto, a direita civil e militar, que desde 1954 tentara conquistar o poder, aceitou a renúncia e manifestou-se contrária ao retorno e posse do vice-presidente¹⁷⁵.

Se em verdade, a pouco esclarecida renúncia de Quadros foi uma artimanha política, ela não cumpriu seu objetivo. O fato foi consumado e as atenções se voltaram a partir daí para a posse do vice, João Goulart. As manifestações contrárias à posse do presidente ocorreram uma vez que João Goulart se encontrava sob suspeição ideológica¹⁷⁶. Por ser considerado político de esquerda, era rejeitado por parte dos setores das Forças Armadas e pela elite econômica. Devido ao apoio recebido pelos comunistas em suas duas eleições para vice, 1955-1960, havia grande temor de que a ascensão de Goulart pudesse significar o fortalecimento dos comunistas e por essa razão, tentaram impedir sua posse¹⁷⁷.

Apesar de contar com o apoio popular, arregimentado principalmente por meio da Campanha da Legalidade desenvolvida por Leonel Brizola governador do Rio

¹⁷⁴ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o ‘perigo vermelho’*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964) São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002, p.234.

¹⁷⁵ VISENTINI, Paulo G.Fagundes. “Do nacional desenvolvimentismo à política externa independente (1945-1964)”, p.209. In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2003.

¹⁷⁶ Ibidem.

¹⁷⁷ SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o ‘perigo vermelho’*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964) São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 2002, p.234.

Grande do Sul, o parlamentarismo foi um meio encontrado para que João Goulart assumisse a presidência.

João Goulart dando continuidade à Política Externa Independente seguia às ações de Jânio Quadros. Em novembro de 1961, reatou as relações diplomáticas com a URSS, desapontando setores conservadores que, desde o governo de Quadros manifestavam contrários a essa ação. Em Oliveira, a paróquia registrou sua reação no jornal *Gazeta de Minas*: “A paróquia de Oliveira uníssona repudiou o reatamento com a Rússia”¹⁷⁸. Essa linha contrária ao reatamento já vinha sendo manifestada desde o início do governo Quadros e suas ações referentes à política externa e representava para o jornal conservador, dirigido pela Diocese um caminho aberto para a entrada do comunismo no país.

Além do reatamento, ações como o posicionamento contrário a sanções à Cuba, a negativa em apoiar a invasão de Cuba pelos EUA bem como os projetos de reforma deixava o governo Goulart sob desconfiança. “As tais reformas de Base serão feitas. Elas virão e vão custar muitas apreensões. Reformas de Base já foram criadas por homens sem Deus e contra Deus como Hitler, Stalin, Fidel Castro. Os resultados estão à vista de todos.¹⁷⁹” As críticas às reformas de base proposta por Goulart eram associadas a uma comparação dele a outros ditadores chamados pelo jornal de homens sem Deus.

Imediatamente após a posse, o novo presidente passou a ser pressionado para as reformas que estavam em sua pauta fossem realizadas. Goulart permanecia com o projeto, contudo, para isso era necessário que ele recuperasse o poder o que aconteceria com o retorno ao presidencialismo. Eis então que todas as energias foram canalizadas nesse sentido:

[...] o parlamentarismo era um regime em descrédito. Goulart que tudo fazia para inviabilizá-lo passou, a partir daí, a realizar uma campanha para retornar ao presidencialismo. Grupos conservadores, as esquerdas e mesmo o empresariado uniram-se pela volta ao antigo regime¹⁸⁰.

Após um período sob regime parlamentarista que não obteve êxito, foi decidido através de um plebiscito que o país voltasse a ter um regime presidencialista. Foi

¹⁷⁸ *Gazeta de Minas*, três de dezembro de 1961, 1.

¹⁷⁹ *Gazeta de Minas*, dezesseis de setembro de 1962.

¹⁸⁰ FERREIRA, Jorge. “O governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964”, p.359. In: FERREIRA; DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2003.

expressiva a votação em favor do retorno do poder às mãos do presidente. Em Oliveira o plebiscito teve como resultado 68,61% dos votos favoráveis ao presidencialismo¹⁸¹. Apesar da posição do jornal de advertência contra o presidente, o retorno ao sistema presidencialista é uma mostra do desejo de mudanças esperadas por toda a população e que só haveria possibilidade com um chefe do Executivo com plenos domínios. Uma série de mudanças esperadas pela sociedade passa então a ser cobradas ao presidente.

Com os poderes restabelecidos, o governo João Goulart, se encontrava entre a mobilização da cúpula militar juntamente com setores conservadores da sociedade e do movimento de esquerda que exigia implantação de reformas estruturais. Esse embate vivenciado por Goulart e a busca por conciliação rendeu-lhe muitas críticas. No livro “Jango e o Golpe de 1964 na caricatura”, Rodrigo Patto Sá Motta analisa uma série de caricaturas do período de governo de João Goulart até o Golpe. Sob o título de Hamlet equilibrista o quarto capítulo de seu livro é dedicado somente as caricaturas que exploram o lado indeciso e ambíguo do presidente que ora pendia para a direita, ora pendia para o centro, ora pra esquerda.

Suas posições políticas eram tidas como confusas: À direita, o temor era de que essa suposta personalidade fraca fosse influenciada pelos grupos de esquerda à sua volta, e vacilasse ante as pressões dos grupos conservadores, especialmente por seu cunhado Leonel Brizola, e pelos comunistas. Na esquerda, o medo corrente era de que Jango não tivesse firmeza o suficiente para levar adiante os compromissos assumidos com o projeto reformista, e vacilasse ante as pressões dos grupos conservadores¹⁸².

De acordo com Jorge Ferreira, Goulart até tentou conciliar o inconciliável, mas não obteve sucesso.

Goulart chegara ao final de um ciclo. A sua estratégia de conciliação entre as diversas forças políticas fracassara. Mas o malogro resultou não de sua incapacidade de negociar que ele administrava com maestria, mas sim da recusa entre as partes de pactuarem acordo. Tanto os conservadores quanto as esquerdas escolheram como estratégia o confronto¹⁸³.

¹⁸¹ *Gazeta de Minas*, doze de janeiro de 1964.

¹⁸² SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.70.

¹⁸³ *Idem*, p.376-376.

Na Gazeta de Minas, a ambiguidade de Goulart foi tema de um artigo intitulado “As crises e o presidente” no qual Jango foi referido como maquiavélico. O artigo foi escrito pelo então vereador Emílio Haddad Filho que classifica o presidente como uma figura política controvertida e contraditória:

Jango é maquiavélico no mais puro sentido da expressão. Clama contra a agitação que sacode o país, mas dá *fôrça* aos grupos de agitadores. Estuda planos de contenção de gastos e incentiva as greves políticas de pressões salariais que estão criando no país verdadeiras castas privilegiadas. [...] Ora namora a esquerda, ora procura os amores da esquerda, com pequenas derivações e fugas eróticas para o centro. Não tem rumos e usa todos os meios para atingir seus fins. [...] Com a mesma satisfação seria capaz de abraçar Kruschew ou o papa Paulo VI¹⁸⁴.

O texto apresenta João Goulart como uma pessoa dúbia, porém, que usa da imprecisão para conseguir o que quer. Apesar de apontar Jango como oscilante entre direita, esquerda e centro, o vereador deixa claro que ele pende pra esquerda ao dar força a grupos de agitadores e incentivar greves.

Em janeiro de 1964, Emílio Haddad publica um novo artigo relativo ao governo João Goulart. Neste o ator expressa sua insatisfação com o governo, mas não sem antes deixar bem claro que votou não no plebiscito sobre a forma de governo. Críticas sobre a inflação, greves, corrupção deram a tônica do artigo que culminou com a condenação às reformas de base:

A única tecla presidencial é ‘reformas de base’. Quem hoje no Brasil será contra as reformas? Ninguém o é. Somos contra as reformas pretendidas pelo presidente pelos termos em que as coisas estão sendo colocadas. [...] O que não aceitamos é que se fale em reformas, sem o governo ter nem mesmo condições morais para realizá-las. O que não se dizer, então, sobre as condições técnicas para as reformas¹⁸⁵.

Era um período de radicalização tanto à esquerda quanto à direita. Das esquerdas nesse contexto, foi descoberto um campo de treinamento militar das Ligas Camponesas o que demonstrava a possibilidade de sublevação dessas organizações no país ao mesmo

¹⁸⁴ *Gazeta de Minas*, vinte de outubro de 1963.

¹⁸⁵ *Gazeta de Minas*, doze de janeiro de 1964, p.4.

tempo em que, nesse período, as direitas se organizavam para conspirar contra o governo com o apoio de instituições mais organizadas como o IPES e o IBAD¹⁸⁶.

Fundado em 1959, o IBAD, Instituto Brasileiro de Ação Democrática, que atuava em ações políticas recebeu apoio de empresários brasileiros e estrangeiros. Orientado pela CIA teve importante atuação nas eleições de 1962 financiando candidatos que fizessem oposição a Goulart e a medidas de seu governo como reforma agrária e política externa independente.

O IPES, Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais fundado no ano de 1962 desempenhava ações de apoio e financiamento a grupos estudantis e organizações conservadoras. No contexto de instabilidade política no Brasil, esse grupo, financiado por empresas estrangeiras da Europa e dos EUA, passa por uma reorientação guiado por princípios anticomunistas, grupos mais conservadores do IPES aproximaram-se de setores militares no ideal de derrubada do governo.

Em Minas Gerais. O IPES buscou o apoio de grandes empresários, nos mais variados setores econômicos buscando consolidar-se no Estado. Para isso foi extremamente importante a sua ligação a influentes associações de classe, como a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) e, a partir daí, iniciar a difusão de seu projeto golpista. De acordo com Heloísa Starling o papel de Minas Gerais dentro da articulação do IPES era extremamente importante:

...era fundamental para viabilizar o projeto de classe alimentado pelo IPES, a partir do Rio e de São Paulo. Em primeiro lugar, devido ao papel político desempenhado por Minas a nível nacional, ao alto grau de prestígio político alcançado por suas elites e ao peso de sua influência na administração federal, seja na articulação de linhas políticas, seja na distribuição de postos no primeiro e segundo escalão. Esse prestígio, decorrente sobretudo da preservação da identidade regional e do consenso tácito estabelecido internamente entre as elites mineiras, sobrepondo-se a eventuais disputas internas, possibilitava a Minas jogar um papel decisivo no quadro estratégico do IPES a nível nacional.¹⁸⁷

¹⁸⁶ FERREIRA, Jorge. “O governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964”, p.360. In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano*. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 2003.

¹⁸⁷ STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989/1986, p. 47.

O grupo denominado Novos Inconfidentes foi criado nesse contexto. Com atuação bastante significativa a organização reuniu forças provenientes da classe média mineira e atuou tanto difundindo a proposta do golpe quanto na busca de desestabilizar os movimentos sociais. Segundo Starling¹⁸⁸, este nome veio de uma referência deturpada aos membros da inconfidência mineira, pois, como aqueles, se diziam estar lutando pela liberdade.

Com a atuação dessas organizações, o apelo anticomunista ganha força no sentido de desestabilizar o governo de João Goulart:

Uma ampla campanha baseada na histeria comunista convenceu parcelas significativas da população formada por empresários, políticos, jornalistas, religiosos, sindicalistas, profissionais liberais, militares e trabalhadores –de que Goulart de fato, teria intenções de comunizar o país¹⁸⁹.

Nesse sentido uma resistência democrática contra o comunismo se organizava na cidade. Em nota, a Gazeta de Minas registrou que em fevereiro de 1964, que o senhor Milton Campos convocou dezenas de homens de projeção no município para uma reunião no Oliveira Clube com o objetivo de organizar uma frente municipalista democrática, com a finalidade de combater o comunismo¹⁹⁰. O fato exemplifica bem a histeria comunista vivenciada naqueles dias e o afinamento do âmbito regional com as medidas em tomadas contra o comunismo em âmbito nacional.

Foi nesse contexto que se realizou o comício de João Goulart no dia 13 de março na Central do Brasil, no qual foi anunciada a reforma agrária provocando a indignação de militares e setores mais conservadores da sociedade. “Com o evento, a aliança do governo com o movimento sindical urbano, com os trabalhadores rurais e as esquerdas, notadamente o PCB e a ala radical do PTB, foi selada”¹⁹¹. Da indecisão entre direita e esquerda, com esse comício, como afirma Ferreira, Jango entra na canoa das esquerdas¹⁹². A aproximação dos trabalhistas com comunistas causava instabilidade no governo e de acordo com Lucília Delgado, “foi um elemento diferenciador no cenário

¹⁸⁸ A este respeito ver: STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais: os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989, p. 86.

¹⁸⁹ FERREIRA, Jorge. “O governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964”, p.360. In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2003.

¹⁹⁰ *Gazeta de Minas*, nove de fevereiro de 1964.

¹⁹¹ FERREIRA, Jorge. “O governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964”, p.382. In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2003.

¹⁹² *Ibidem*.

político brasileiro e acabou sendo usado como uma das justificativas para a intervenção militar em 1964”¹⁹³.

E a reação conservadora ocorreu no dia seguinte. Um grupo de mulheres da classe média organizou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que foi uma manifestação contra o governo Goulart. De acordo com Paulo Fagundes Vinzentini, “esses eventos sinalizavam para uma radicalização, que culminaria com o golpe de 31 de março de 1964”¹⁹⁴. O movimento que reunia família e religião, foi seguido por um comício cujo pano de fundo foram as críticas a Goulart. A cidade de Oliveira também realizou a Marcha pela Liberdade: De acordo com reportagem da *Gazeta*,

Foi um dos maiores movimentos cívicos religiosos que Oliveira já registrou na sua história. A belíssima Marcha Da Família com Deus pela Liberdade, domingo passado às 18:30 numa demonstração de fé e patriotismo.[...] *Tôda* aquela assembléia levantou o terço, de braço erguido, sendo rezado uma dezena pela paz do Brasil.¹⁹⁵

Num artigo denominado “Aonde estava a minoria?” publicado após o Comício na Central do Brasil e a Marcha da Família com Deus foi feita uma releitura sobre os dois eventos Comício na Central do Brasil e Marcha da Família, comparava a participação da população em ambos.

*Aquê*le comício fascista no dia 13 de março, no Rio de Janeiro, onde fardas e metralhadoras se misturavam com emblemas do Partido Comunista, teve o comparecimento de 150 000 pessoas. Gente levada no cabresto, pagas para dizer muito bem. *Era a maioria!* Dias depois em São Paulo, era promovida a grande Marcha da Família com Deus pela Liberdade, com o comparecimento espontâneo de 500 mil pessoas. Um espetáculo de rara beleza. *Era a minoria!* [...] E houve até um nacionalista que disse isto: Foi apenas uma manifestação de uma minoria insignificante em revide ao comício que o povo fez na Guanabara pelas reformas de Jango¹⁹⁶.

¹⁹³ DELGADO. *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, 2003, p.144.

¹⁹⁴ VIZENTINI. *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, 2003, p.210.

¹⁹⁵ *Gazeta de Minas*, doze de abril de 1964, p.1.

¹⁹⁶ *Gazeta de Minas*, vinte e seis de abril de 1964.

Apesar de o artigo diminuir a cifra de pessoas que estavam no Comício na Central do Brasil que de acordo com Ferreira, cálculos avaliavam entre 200 e 250 mil pessoas, a análise sobre os eventos condiz bastante com a situação vivenciada naquele momento no Brasil. A pouca importância dada à organização do movimento cristão na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, citada no trecho do jornal, pelas esquerdas impediu que se avaliassem os riscos do que estava por vir: “A esquerda, no entanto não levou o ato a sério por dois motivos. Primeiro por tratar se de uma organização da classe média. “Isto não é povo” disseram alguns com irreverência. Segundo, pelo caráter religioso do movimento, algo merecedor de desprezo”¹⁹⁷.

Goulart ainda tentou prosseguir em seu governo, mas, o radicalismo das esquerdas e o medo do comunismo, bastante disseminado no contexto foram colocando o presidente em descrédito. Percebendo o avanço do trabalhismo como um caminho para penetração comunista no Brasil, os articuladores da deposição de Goulart, decidiram por intervir no processo político com uma ação que foi denominada por Delgado como golpe preventivo¹⁹⁸. Diferentemente de Delgado, Jorge Ferreira trata o movimento que culminou no Golpe Militar de 1964, como uma ação de caráter conspiratório. “a conspiração avançava a passos largos desde que Goulart assumiu o poder”¹⁹⁹.

Nos meses que antecederam o Golpe, o Jornal Gazeta de Minas publicou várias reportagens sobre o comunismo. Não se tratava de uma linha de ataque. Os textos vinham com condenações à Rússia, críticas à China associadas à possibilidade de se chegar ao Brasil o sistema adotado por aqueles países. No texto “O paraíso soviético, assinado por Raimundo José Tavares, a temática é a ideia de que muitas pessoas fazem sobre a Rússia como um paraíso. Para desmentir essa ideia, o autor recorre aos registros do repórter Nascimento Brito que, tendo visitado a Rússia comenta sobre a falta de liberdade naquele país. Afirma que embora os diplomatas russos tenham liberdade no Brasil, até mesmo para se encontrar com o Sr. Luiz Carlos Prestes para dar-lhes instruções, na Rússia, nossos diplomatas vivem em guetos, com milícia nas portas

¹⁹⁷ FERREIRA, Jorge. “O governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964”, p.386. In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.* 2003.

¹⁹⁸*Ibidem*, p.144

¹⁹⁹FERREIRA. *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, 2003, p.396.

anotando hora de entrada e saída além da instalação de microfones ocultos e vigilância permanente de estrangeiros e diplomatas²⁰⁰.

Em outro artigo, do jornal, a ênfase recai sobre o caso chinês. Uma explicação é elaborada para os problemas que a China tem vivido, intempéries, enchentes, furacões, crise na economia. O artigo propõe que o insucesso da China está relacionado “à maneira pela qual o comunismo cria condições para o desenvolvimento”²⁰¹. Interessante é que, o poder do comunismo descrito no artigo era tamanho ao ponto de ser justificativa também para intempéries. Num outro artigo, o jornal aponta a solução para os problemas referidos associados ao comunismo: “A igreja está aí para ajudar a resolver o problema social e conjurar o perigo vermelho”²⁰². A ideia era causar a sensação de perigo, de instabilidade valorizando o papel da igreja no sentido de resguardar a sociedade e justificando a necessidade de uma intervenção como a que ocorreu em primeiro de abril de 1964.

3.4 O golpe de 1964 e seus desdobramentos

As concepções contrastantes no Brasil pré-golpe demonstraram uma radicalização da esquerda e da direita, na busca de empreender seus projetos. Tanto direita quanto esquerda em busca da efetivação dos seus anseios, como afirma Ferreira, não tinham a democracia como prioridade²⁰³. No dia 1º de abril, o movimento golpista foi desencadeado pelo general Olimpo Mourão não sofrendo resistência por parte de Goulart.

Ao contrário do que realmente se apresentou nos anos seguintes, muitos viram o Golpe como a anunciação de novos tempos, como uma vitória contra a ameaça comunista. Em Oliveira MG essa situação pode ser percebida pelas palavras do prefeito municipal Dr. José Ferreira Leite que foi procurado pela reportagem do jornal *Gazeta de Minas* para opinar sobre os desfechos da crise. A entrevista que foi publicada no jornal trazia como título: “O comunismo é um visgo mental”.

²⁰⁰ *Gazeta de Minas*, dois de fevereiro de 1964.

²⁰¹ *Gazeta de Minas*, dois de fevereiro de 1964.

²⁰² *Gazeta de Minas*, vinte e dois de março de 1964.

²⁰³ FERREIRA, Jorge. “O governo João Goulart e o Golpe Civil Militar de 1964”, p.400. In: FERREIRA; DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática –da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 2003.

Quando questionado sobre sua opinião sobre os últimos acontecimentos, o prefeito não tem dúvidas ao associar a causa da crise com a associação de Goulart ao comunismo: “o presidente da República eleito pelos votos dos democratas, fraco por que não obteve em 1/3 do eleitorado, se apegou ao comunismo por necessidade ou por vocação caudilhesca, tão própria de mentalidades fronteiriças. E o comunismo o afogou”²⁰⁴. O Dr. José Ferreira Leite fala também da incompatibilidade entre brasileiros e comunistas trazendo a discussão para a sua cidade:

Tanto isso é verdade que os comunistas, os de Oliveira, também não tem coragem de vir a público dizer o que são, sabem que a rentabilidade em votos não é boa. Convém deixar bem claro que eles existem em todos os partidos, pois há até padres comunistas, deputados vermelhos eleitos pelos votos de democratas oliveirenses²⁰⁵.

Quando questionado se com isso passou o perigo comunista no Brasil, o prefeito responde: “Penso que não. O comunismo é um visgo mental e dentro de poucos *mêses* estarão novamente sendo bajulados pelos conhecidos caçadores de votos”²⁰⁶. A construção dessa ideia de que o comunismo, mesmo após a derrubada de Jango rondava o país teve grande importância o processo de legitimação dos governos militares que se seguiram após o Golpe. A Revolução, como denominado o evento de 1964 pelo jornal, havia vencido o comunismo, mas, a vigilância deveria ser contínua para que a situação não pudesse se reverter. Nesse caso a palavra do prefeito da cidade eram extremamente importante nesse sentido de consolidação do movimento de 1964 contra o perigo a ameaça comunista.

Os meses que se seguiram ao Golpe de 1964, foram para o jornal *Gazeta de Minas* momento de reverenciar o evento. O artigo transcrito a seguir, mostra trechos de agradecimento pelas mudanças pelas quais o país havia passado pondo fim na subversão:

O Brasil está em paz. Graças a Deus. Passada a borracha dos dias tenebrosos da agitação comunista oficializada pelo então *governo* federal do senhor Goulart e extintos os focos de subversão, a nação começa a trabalhar e se organizar, para desenvolver-se. [...] Caiu a

²⁰⁴ *Gazeta de Minas*, cinco de abril de 1964, p.1.

²⁰⁵ *Ibidem*.

²⁰⁶ *Ibidem*.

máscara das pretendidas reformas que apenas eram um embute para implantar o comunismo²⁰⁷.

O jornal atribuía a vitória contra o comunismo à igreja, cuja força de orações permitiu que o milagre acontecesse. A união dos rosários de paulistas, cariocas, de todo o país foi determinante para a derrocada dos vermelhos no país: “De ponta a ponta do Brasil se atribuiu à oração a vitória do Bem contra as *fôrças* técnicas organizada do comunismo em Terra de Santa Cruz”²⁰⁸. O Brasil nesse artigo é até chamado pelo segundo nome que recebeu dos portugueses no sentido de local de propagação da fé numa clara referência à força da religiosidade no país.

Além dos artigos felicitando a revolução, almejando os novos rumos no país com posse do presidente Castelo Branco o jornal recorre a outros artefatos para crítica ao comunista firme na ideia de que o inimigo ainda rondava o país. Um dos recursos muito utilizado no combate ao comunismo é o uso do imaginário. Esse recurso, presente nos ataques ao comunismo antes da ocorrência do Golpe foi também utilizado após o Golpe numa forma de educar mentes, propagar o medo e guiar as pessoas pelo caminho certo.

No caso das representações anticomunistas na Gazeta, a utilização de artifícios como a associação do comunismo a um micróbio, a denúncia de planos totalmente mirabolantes de invasão ao país configurava-se numa forma de avisar às pessoas a iminência de um perigo e induzir o sentimento de repulsa ao comunismo.

Dentro desse tipo de recurso, a notícia no impresso sob o título de “Simplesmente horrível” denunciava um projeto Chinês de destruição no Brasil. A armação teria sido descoberta pela polícia do Rio de Janeiro que prendeu num hotel de luxo nove chineses. Dentre cadernos, malas, documentos, dinheiro, um passaporte foi encontrado. No documento, o Cônsul do país na época teria escrito: “por ordem expressa do senhor presidente da República” referindo que a chegada dos chineses meses atrás se deu sob conhecimento e aval de João Goulart. O que mais chama a atenção na reportagem é a descrição de uma arma de destruição encontrada no apartamento:

²⁰⁷ *Gazeta de Minas*, doze de abril de 1964.

²⁰⁸ *Gazeta de Minas*, dezenove de abril de 1964.

Abertos os papéis do plano, os mais tenebrosos desenhos de armas, de que nenhum democrata Brasileiro ouviu falar. Um pássaro enorme. Parecia miniatura de brinquedo. Iluminura de pagode chinês. *Êsse* pássaro guardava em seu bojo e nas asas a mais terrível arma de guerra. Alçariam vôo em bando. Nos primeiros minutos até certa altura, pareceriam um bando de andorinhas riscando o azul. Depois começavam as aves a se desintegrarem nos instrumentos mais mortíferos do mundo. E o que caía das asas e dos bojos eram bombas incendiárias que destruiriam em poucos minutos, todas as áreas em que caíssem. Não ficaria nenhum ser vivo²⁰⁹.

Buscando conferir mais veracidade à notícia, foi feita uma descrição bastante minuciosa cujo exagero proporcionou até mesmo contradição. Ao final das contas não se podia saber se o pássaro era enorme ou uma miniatura de brinquedo. Isso ao que parece não vinha ao caso. O importante era que eles estavam nas mãos de comunistas, que haviam entrado no país com o auxílio do presidente e destruiriam tudo aonde atingisse. Antes da apresentação da reportagem, que fora transcrita do jornal *Estado de Minas*, a Gazeta fez um prefácio sobre o fato que seria relatado: O povo brasileiro tomou conhecimento, estarecido, da trama diabólica dos vermelhos chineses que, espíões comunistas, iam desenvolver no Brasil. Parece incrível que carrascos daquela espécie tenham entrado na pátria ‘por especial autorização do presidente do Brasil’²¹⁰.

Registrada apenas onze dias após a ‘Revolução’, como denominada pelos articulistas do jornal, a nota frisa bastante a convivência de João Goulart para a entrada dos comunistas chineses no Brasil. A criação de um imaginário sobre o poder mortífero do comunismo se fazia ligado à figura do presidente e tornava cada vez mais plausíveis as justificativas da necessidade de intervenção na política brasileira como aconteceu em março de 1964.

Nessa mesma linha de combate ao comunismo, o artigo escrito por Eni Bulhões Carvalho da Fonseca, denomina o comunismo de micróbio importando num texto no qual argumenta a existência de “jovens comunistas no Brasil que possuem automóvel próprio, dinheiro no bolso, relógio de ouro e suéteres italianos e proclamam-se comunista por que é moda, é bonito e fica bem. Nada leram sobre o assunto, jamais se aprofundaram no estudo do comunismo, do socialismo nem estudos de nenhuma

²⁰⁹ *Gazeta de Minas*, doze de abril de 1964.

²¹⁰ *Ibidem*.

espécie”²¹¹. Para o autor, esse modismo importado está sendo seguido por pessoas que nem mesmo sabe seu significado e alerta para os riscos de se alastrar o comunismo no país, pois que ele é “doença contagiosa, micróbio importado que se propaga”²¹².

3.5 A realidade da “revolução vitoriosa”: reflexos de contestação na Gazeta

Nem sempre se maneira explícita foram desenvolvidas representações anticomunistas no jornal. Alguns ataques ao comunismo se faziam de maneira implícita, com histórias que possuem uma moral e que da mesma forma cumpria seu sentido: desenvolver um imaginário sobre o comunismo enquanto uma ameaça terrível e valorizar o novo governo. O trecho abaixo ilustra bem essa intenção:

José, ontem eu tive um sonho.[...] Imagine que eu sonhei que estava no Brasil - a gente não via que era Brasil, mas sabia que era - você sabe como é nos sonhos. E que tinha havido uma revolução igual a que fizemos contra a corrupção e os comunistas. Todo mundo estava contente. Todo mundo dançava nas ruas, menos uma velhinha, coitada que assistia tudo aquilo com olhos tristes como quem fosse chorar. Eu me aproximei da velhinha e disse-lhe: Minha boa velha, por que você está triste? Todo mundo está contente. Os comunistas foram embora, os corruptos também e o Brasil voltou a ser Brasil. Meu filho, respondeu ela. Estou triste exatamente porque vocês estão alegres demais. Onde já se viu a gente alegre antes de colocar o teto na casa? A chuva pode cair e estragar a festa toda. Veja só, continuou a velhinha. Onde estão os homens que fizeram a Revolução desde o início? Vocês nem ouvem mais falar nêles. E onde está o programa da Revolução? O que ela vai fazer pelos pobres e pelos pequeninos?[...] Falei mostrando que o marechal assumiu o governo de uma forma muito difícil, que ele não é um demagogo vulgar que vai falando que fará isto e aquilo, prometendo mundos e fundos ao povo. Que ele prefere fazer devagar mas certo, o que o povo precisa é ter um pouco mais de paciência, que as coisas não se consertam do dia para a noite²¹³.

Nota-se que a historinha descrita acima narra o Golpe de 1964 de uma forma bem poética. A vitória contra o comunismo e a corrupção era a razão para tantas comemorações. Contudo, surgiam dúvidas sobre o processo que se teria no pós-revolução, que na história são representadas pela senhora triste. O narrador da história

²¹¹ *Gazeta de Minas*, vinte e quatro de maio de 1964.

²¹² *Ibidem*.

²¹³ Artigo de Oliveira Ferreira intitulado “Carta aos patriotas”. *Gazeta de Minas* 31/05/1964, p.3.

esclarece que o governo fará as devidas mudanças a seu tempo e que o povo precisava ter paciência. A despeito do reforço da vitória contra o comunismo e da tentativa de se apaziguar os ânimos dos esperançosos de mudanças rápidas a história expressa também as inquietações que tomaram a nação sobre os novos rumos do governo.

Num artigo intitulado “Revolução da fome”, Emílio Haddad Filho traduz um pouco os questionamentos apresentados pela senhora na história narrada acima. Apesar de iniciar o artigo saudando a revolução, certa impaciência pode ser percebida no decorrer da narrativa do político:

A revolução de abril já está vitoriosa. O país já trabalha com menos temor do futuro, sem as incertezas para as quais nos conduziam os desmandos do governo deposto. [...]

Sem combater a inflação, combate sem tréguas, em todas as frentes de trabalho, em conjunto, sem injunções políticas ou mesmo de grupos econômicos, não se terá consolidada a revolução, embora vitoriosa como já disse, em seu aspecto filosófico. Aqui trata-se do aspecto material, isto é, dar comida farta e barata ao povo. Do contrário assistiremos à revolução da fome, que será cruenta e sangrenta²¹⁴.

As matérias no jornal continuavam seguindo sua linha, consagrando a “revolução”, combatendo o comunismo. Mas de maneira bem discreta, algumas matérias começam a demonstrar a inquietação que tomou conta do país com os rumos tomado pelo governo. As medidas tomadas pelo primeiro governo militar e pelos governos subseqüentes tiveram caráter centralizador de forma que muitos dos que antes apoiaram o governo, não tomaram conhecimentos dos novos caminhos traçados.

Do final do ano de 1965 ao ano de 1967 a incidência de matérias anticomunistas no jornal *Gazeta de Minas* retrai consideravelmente. Uma possível justificativa para isso seria o fato da consolidação dos governos militares não demandando como antes o mesmo esforço de propagação de imaginários que causasse às pessoas a sensação de perigo iminente.

Entremeio às escassas notícias de queima da bandeira comunista na Alemanha²¹⁵, as transcrições do programa “A voz do Pastor” de D. Jaime pregando o combate ao comunismo e campanha de moralização²¹⁶, notícias da descoberta de subversão e corrupção em São Paulo envolvendo o governo Goulart e funcionários da

²¹⁴ *Gazeta de Minas*, dezenove de julho de 1964.

²¹⁵ *Gazeta de Minas*, quinze de agosto de 1964.

²¹⁶ *Gazeta de Minas*, treze de setembro de 1964.

Caixa Econômica²¹⁷ eis que um artigo nos chama atenção. Denominado “Crepúsculo dos deuses” assinado por José Mínimo apresenta críticas ao novo governo.

Com profunda nostalgia e não menos repulsa o povo brasileiro viu passar o segundo aniversário da revolução que não deveria ter sido comemorado a 31 de março mas a 1º de abril, de vez que foi e continua sendo um autentico 1º de abril., passando a essa gente ingenuamente boa, crente e sofredora. (salva se com justiça o bom trabalho prestado pela Revolução no afastamento das desgraças que nos estava reservada: o comunismo ateu)²¹⁸

Provavelmente ciente das consequências que o artigo poderia lhe imputar, o autor prossegue o texto num contínuo ‘morde e assopra’. Ao mesmo tempo em que critica os rumos tomados pelo novo governo nos primeiros dois anos com relação à população mais necessitada ele vangloria a vitória contra o comunismo. O mesmo podemos perceber no texto do poeta e escritor mineiro Márcio Almeida. Na coluna “Canto Artístico” Almeida escreve uma “Carta a Bras(ilha)” endereçada ao senhor presidente.

Assim é que vou ao Sr. Nessa carta, contar umas coisas que me lembrei dia hoje caipiramente escrevendo. Lembrei-me senhor presidente do Carequinha, *aquêle* palhaço que faz rir crianças e adultos, cantando um slogan mais ou menos assim ‘a situação não ta boa não’. Debaxo daquela máscara já pensou o senhor quanto sofrimento, e *ê*le, o carequinha cantando esse sofrimento como se fosse (foi e é) o refrão cotidiano do nosso povo? Tem razão, senhor presidente. A situação situa-se num cangaceiro da pomicultura vulgarmente conhecido por abacaxi que o senhor terá que descascar a fim de oferecer ao povo em fatias para ver se despista o vinagre do suor que chove cotidiano²¹⁹.

Apesar do posicionamento da Igreja Católica, conservador, em apoio à intervenção militar na política brasileira, expresso nas páginas do jornal *Gazeta de Minas*, podemos perceber certa flexibilidade na exibição de discursos que criticavam não a revolução contra a ameaça vermelha, mas a condução dos governos militares que se seguiram. A preocupação com questões sociais, com a justiça e a dignidade humana

²¹⁷ *Gazeta de Minas*, oito de novembro de 1964.

²¹⁸ *Gazeta de Minas*, vinte e nove de maio de 1966.

²¹⁹ *Gazeta de Minas*, trinta e um de março de 1968, p.3.

pela igreja católica explicita bem esse afrouxamento percebido nas edições da Gazeta de Minas, jornal dirigido pela Diocese. Como afirmam Lucília de Almeida Neves e Mauro Passos, “o apoio que a igreja deu ao regime militar, inicialmente, foi se afrouxando, pois a causa da justiça e dos direitos humanos estava confinada num silêncio outonal.”²²⁰

3.6 O ano de 1968

O regime militar que se estabeleceu no Brasil após 1964 foi marcado por forte repressão, restrição à liberdade individual, cassação de mandatos, perseguição, tortura. Durante o período que compreende o seu início até o ano de 1968, o Brasil assistiu juntamente com o crescimento do autoritarismo do governo, movimentos que contestavam o regime também se desenvolveram. Desde 1967, o movimento estudantil tornou-se a principal forma de contestação ao governo militar e por isso sofreu forte repressão por parte do governo arbitrário.

No ano de 1968, as manifestações estudantis e do povo mostrando descontentamento com os rumos do governo culminou com a passeata dos 100 mil. Além de estudantes, artistas, intelectuais políticos e demais setores da sociedade participaram do evento ocorrido no Rio de Janeiro.

O auge do endurecimento do regime se deu com a Instituição do AI-5 que era um ato de limitação das formas de organização contra o governo e às suas ações como as guerrilhas e as demais manifestações. O ato instituído no governo Costa e Silva dava ao executivo todos os poderes, para fechar o Congresso enfim suspender direitos constitucionais.

Dentre as poucas notas dadas pelo jornal Gazeta de Minas em 1968 relativas às questões políticas brasileiras, o ato foi aclamado com louvor. Na coluna de Baptista Garíglia intitulada “Jornal de meia página de jornal” um panorama geral das notícias do Brasil e do mundo era apresentado o AI-5: “O Ato Institucional número 5 está em pleno vigor e deve-se afirmar que, realmente, este encheu de novas esperanças o povo brasileiro. Compete ao governo agora não desiludir o povo”²²¹.

Nesse contexto, seja pela forte censura seja pela disseminação do perigo comunista em virtude das movimentações das esquerdas o jornal Gazeta de Minas por

²²⁰ DELGADO;PASSOS. *Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos* (1960-1970), p.121In: FERREIRA;DELGADO. *O Brasil republicano. O tempo da ditadura*, 2003.

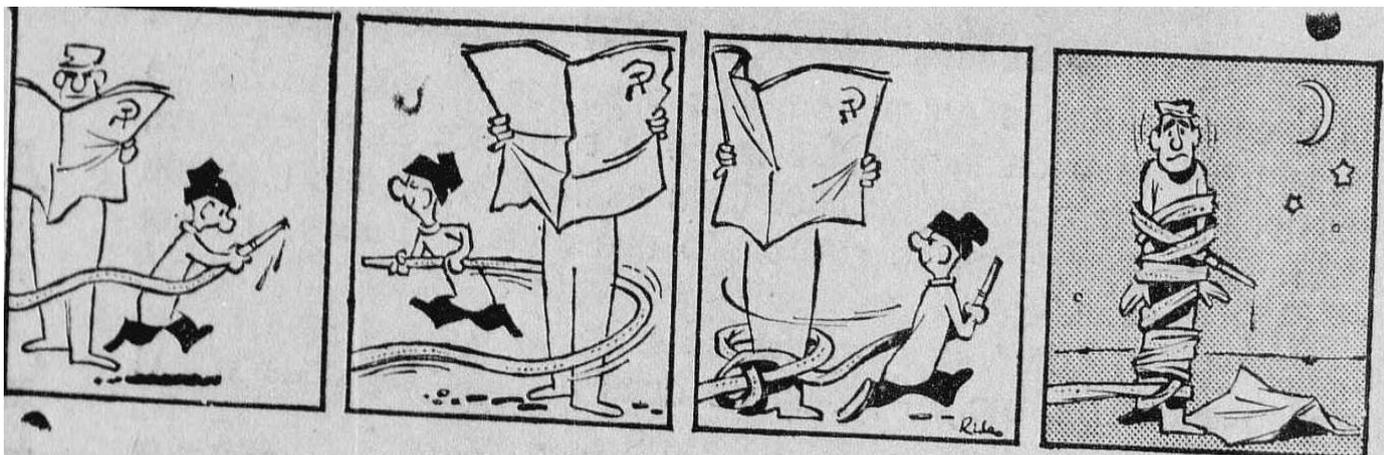
²²¹ Gazeta de Minas, dois de fevereiro de 1969.

meio de suas edições volta a apresentar críticas ao comunismo. Em entrevista que nos foi concedida pelo ex- funcionário da Gazeta de Minas nesse período Waldir Bernardino, eram freqüentes as visitas do Sargento Odilon de Freitas Roterdan à sede do jornal para ver as edições do jornal: “O sargento Odilon uma vez proibiu de publicar um texto. Mas, um adendo. O jornal já estava pronto. Nós tivemos que cortar uns 40 cm do jornal e entregar rasgado”²²².

Durante os últimos anos da nossa pesquisa, a escassez de matérias representando o anticomunismo foi cada vez menor. Algumas charges que são publicadas no jornal nesse sentido expressavam ainda algumas lembranças do perigo comunista que a essa altura, principalmente depois do AI-5 parecia estar bem esmaecido.

A primeira charge, publicada em 1967 mostra um homem, provavelmente um operário pelo estilo do macacão lendo um jornal comunista. Surge então um segundo sujeito que o enrola com uma mangueira fazendo cair o seu jornal. A cara do sujeito comunista, literalmente enrolado, sugere uma grande tristeza. Dentre as possibilidades interpretativas para as charges, sugerimos o incentivo às pessoas de como estas deviam proceder em caso de contato com um comunista ou seja, deixá-lo de mãos atadas não cedendo espaço de ação.

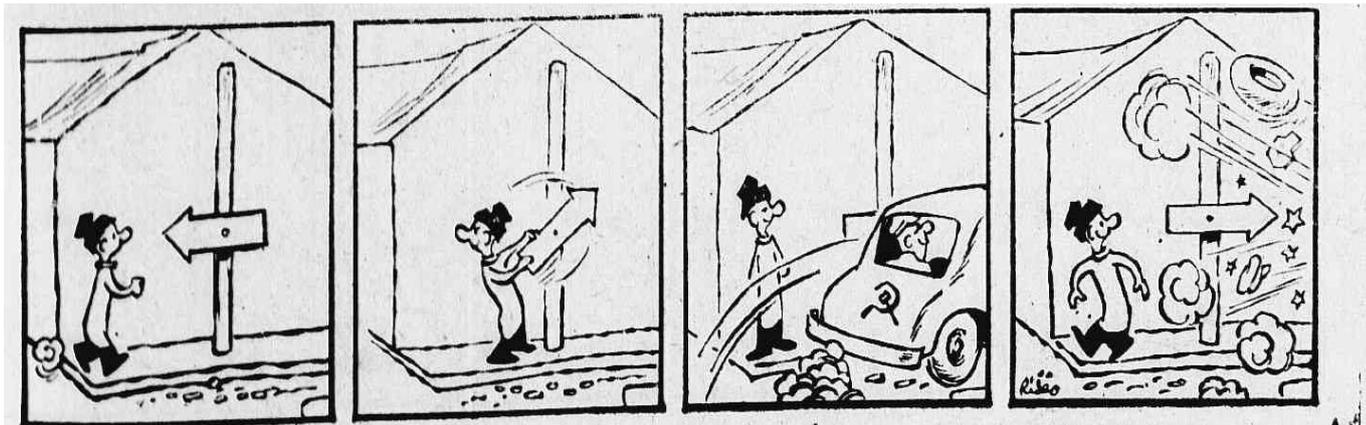
Figura 1



Na figura subsequente, o apelo é o mesmo. Um carro cheio de comunistas é conduzido por um sujeito que altera os rumos das placas para um abismo. O fim dos comunistas em ambas as figuras é o objetivo final embora na segunda a ação representada seja mais violenta.

Figura 2

²²² Waldir Bernardino. Entrevista cedida a Viviane dos Reis Soares.



Na terceira e última das charges do período temos um comunista ao telefone com Fidel Castro governante cubano. Uma alusão é feita à subordinação dos cubanos ao regime de Fidel. Na charge após responder positivamente e com bastante gentileza à Fidel Castro, o comunista se volta para ouvir um pedido de um camponês ao que ele responde negativamente em gritos. A charge nos deixa a interpretação de que não é aos anseios dos pobres, trabalhadores rurais que o comunismo visa atender e sim às ordens de Cuba. Usam a população para a chegada ao poder e, uma vez lá, ignoram suas bases de apoio.

Figura 3



Infelizmente, por falta de referências nas charges e dificuldade para compreensão da assinatura do autor uma vez que no jornal Gazeta de Minas estas ocupavam um tamanho bastante reduzido, não foi possível identificar os autores.

As análises realizadas nesse longo período de 1960 a 1969 registram uma incidência maior de matérias anticomunistas primeiramente no período de 1962,

expressando a preocupação da eleição para o Legislativo de candidatos da esquerda comunista e em 1964 numa busca de consolidar o regime instaurado mediante às ameaças de forças comunistas. Não houve uma linha de ataque do jornal Gazeta de Minas ao comunismo embora fossem perceptíveis momentos em que houve um considerável aumento no número de matérias anticomunistas.

O que podemos perceber é que a imprensa católica do interior estava em consonância com a imprensa católica nacional, no sentido da transcrição de vários artigos de jornais como *Estado de Minas*, *Arquidiocesano*, jornais que apresenta uma linha anticomunista por motivos religiosos e/ou políticos.

As campanhas anticomunistas na Gazeta de Minas ajudam a reconstruir como a situação nacional do período de 1960 refletia nas relações em regiões do interior. Sua função enquanto importante meio de comunicação da região demonstra o alcance que essas ideias tiveram.

De maneira geral, o comunismo representa para o jornal, um mal que é do outro, vem do exterior mas, que está dentro do país. Esse mal as vezes encarna na figura de um país, de um presidente ou na juventude irresponsável, sem instrução. As vezes um bicho, um micróbio ou uma arma. São muito adjetivos que a igreja usa para descrever, atacar e causar repulsa de um inimigo que nada mais é que a contestação de sua hierarquia e seus valores apregoados há décadas.

CONCLUSÃO

As representações anticomunistas no jornal *Gazeta de Minas* trouxeram como pano de fundo o esforço do catolicismo em combater uma corrente de ideias que contrapunha sua doutrina, seus dogmas consolidados há séculos. Deixaram expostos também ideais de uma sociedade conservadora que bebia na fonte católica e tinha suas ações enraizadas no campo religioso.

Por meio de suas publicações, a *Gazeta de Minas* desenhou o comunismo usando para isso, os recursos que a igreja católica possuía como um arsenal ideológico de sua doutrina, o poder dentro de uma cidade sede da paróquia, o domínio de um meio de comunicação impresso de grande circulação na região, a relação estreita com o meio de comunicação oral na cidade bem como o poder da palavra nas cerimônias religiosas que agregavam um grande número de fiéis. Dessa forma, essa instituição conseguiu abranger importante número de pessoas inclusive os iletrados.

Cumprindo sua missão evangelizadora e combatendo o comunismo, a Igreja Católica cruzou os mais variados terrenos, como a vida social, as questões políticas e educacionais. Apontou que o seu papel era atuar nos diversos setores da sociedade esclarecendo, alertando e orientando os cidadãos para as mais variadas demandas da sociedade moderna. Mostrou sua unidade ao congregar questões evidentes na conjuntura nacional com aspectos no plano externo como nos casos cubano e soviético dos quais a percepção da Igreja católica e sua atuação diante dos acontecimentos provenientes do avanço do comunismo foram traduzidas por meio de pronunciamentos, telegramas, manifestações de religiosos retratados na imprensa nacional.

A transcrição de matérias ou trechos de jornais de maior alcance bem como de impressos católicos oficiais davam também o tom da coesão, da integração de toda a sociedade católica na luta contra o perigo vermelho. No caminho do fortalecimento dessa unidade, expôs os problemas dos países dominados pelo comunismo como um problema também nosso, uma vez que aquela realidade estava a caminho do Brasil sendo necessária a adesão da sociedade no combate ao regime comunista.

Nesse sentido, essa corrente de ideias foi pintada pelo jornal Gazeta de Minas como o inimigo número um do catolicismo que buscava inclusive dissolver todas as bases da religião como a família, o casamento, o pudor, a moral cristã. Nessa arte anticomunista desenhada pelo jornal, a ideologia teria as feições e intenções do demônio, usando da mentira, dos expedientes escusos e imorais para se voltar contra o mundo livre. Nessa direção, o comunismo é remetido ao aprisionamento, à carceragem impedindo o desenvolvimento da sociedade.

O impresso caracteriza a juventude como o ponto fraco da população ao congregar uma série de ideais de mundo que, baseada na inexperiência, faziam crer que as mudanças, a liberdade e o progresso seriam transformações possíveis no comunismo. Além disso, a questão do amor livre, da falta de limites, próprias da juventude seriam sedutoras dessa parcela da sociedade, pra a qual os cuidados deveriam ser redobrados.

Para além da inexperiência e falta de conhecimento dos jovens que seriam a porta aberta para o comunismo, as matérias destacam também a figura daqueles que são caracterizados como os traidores da pátria, que, mesmo sabendo dos perigos do comunismo, defendem suas ideias, colaboram para a infiltração traindo assim sua nação. Nesse sentido é importante mencionar a associação feita entre o catolicismo e o patriotismo na qual ser patriota seria ser católico.

Embora a redação do impresso pudesse contar com muitos colaboradores que eram membros do clero, como Monsenhor Leão, padre José Albanês, havia também grandes colunistas dos mais variados setores da sociedade, mas estes atendiam um pré-requisito: faziam parte da comunidade católica. O filtro se dava na medida em que era o jornal que fazia o convite para aqueles que passavam a escrever periodicamente no veículo.

Ainda sobre a descrição do monstro desenhado pelo jornal, que o definiu com feições demoníacas, as representações anticomunistas no jornal deram contornos a seus membros semelhante aos de um polvo uma vez que buscavam atingir todas as regiões, todos os setores da sociedade. Essa característica associada ao seu poder de camuflagem fazia com que mesmo diante de vigilância contínua, o perigo se espalhasse por meio de disfarces como em campanhas religiosas, venda de produtos ‘contaminados’, e uso de uma retórica que, baseada na mentira, era convincente ao defender os benefícios provenientes da adesão a certos valores.

O periódico imprimia em suas páginas as questões no plano nacional e internacional utilizando ao noticiar os acontecimentos sempre que possível, uma moldagem religiosa tentando limitar a interpretação dos fatos por ótica conservadora que de certa forma estava sendo reformulada no seio da instituição desde a década de 1950.

Se por um lado foi possível perceber certo exagero nas construções sobre o comunismo no jornal, como no caso dos pássaros de fogo, de micróbios, vermes por outro não se pode negar a existência de motivos bastante racionais para o combate.

Muitas das críticas apresentadas faziam parte da pauta comunista como a reforma agrária, a questão do divórcio e do amor livre. Dessa forma, se as representações anticomunistas exageraram no ponto de vista imaginário, isso ocorreu devido a consciência da existência de um perigo que era real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

PERIÓDICOS

Site: GAZETA DE MINAS: WWW.gazetademinas.com.br 1960 a 1969

ENTREVISTAS

BERNARDINO, Valdir. Entrevista. Janeiro de 2014. Entrevistadora Viviane dos Reis Soares. Oliveira MG, 2014. 1 arquivo de mp3 (59 minutos).

Dom Miguel Ângelo. Bispo Diocesano. Entrevista. Fevereiro de 2014. Entrevistadora: Viviane dos Reis Soares. Oliveira, 2014. 1 arquivo de mp3 (25 minutos)

LEITE, Nelson. Entrevista. Março de 2014. Entrevistadora: Viviane dos Reis Soares. Oliveira, 2014. 1 arquivo de mp3 (1:30h).

RIBEIRO, João Bosco. Entrevista. Janeiro de 2014. Entrevistadora: Viviane dos Reis Soares. Oliveira, M.G., 1 arquivo de mp3 (35 minutos).

BIBLIOGRAFIA

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. Enciclopédia Einaudi, Lisboa, v.5, p.296-233, 1985.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 4º Ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil: 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1997. p. 30.

- CARDOSO, Ciro e MALERBA, Jurandir(org.) Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas, SP: Papirus, 2000. 288p.
- CARDOSO, Ciro F. S. de. *Agricultura, escravidão e capitalismo*, 2ed, Petrópolis: Vozes, 1982 apud VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *História, Região e Poder*. A busca por interfaces metodológicas, p.86.
- CARDOSO, Ciro. O uso, em história, de representações sociais desenvolvida na psicologia social: um recurso metodológico possível. Revista Psicologia e saber social.V1, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3244>. Acesso em: 25/07/2014.
- CHARTIER, Roger. *A beira da falésia*. A história entre incertezas e inquietudes.Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002,p.169.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos avançados, v11, n5, p.172-191, 1991.
- COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral – memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.47.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EDUFF, 2002.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (org) O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, PP.314-332, p.324.
- FONSECA, Luis Gonzaga da. *História de Oliveira*. Belo Horizonte, Editora Bernado Álvarez S/A, 1961.

- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LUCCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos.” In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo, Contexto: 2005.
- MARIANI. *O PCB e a imprensa*. Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989, 1988.
- MARTINS, Marco Lobato. *História Regional*. In: Pinsky, Carla Bassanesi. (org.) *Novos temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2009, p.135.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.
- OLIVEIRA, Marylu Alves de. Mas afinal, o que era mesmo o comunismo? A significação da palavra “comunismo” através dos textos anticomunistas que circularam no Piauí da década de 1960. *Fênix Revista de História e Estudos Culturais*. Nº1 AnoVI Vol.6. Jan/fev/Mar 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Revista IHU on line, 284, AnoVIII, 01/12/2008. ISSN19818793. Instituto Humanitas Unisinos. “Monteiro Lobato. Um ativista da educação combatido pela igreja. Entrevista com Eliana Yunes professora da PUC-RIO cedida à Gilda Carvalho. Disponível em: ihuonline.unisinos.br. Acesso em 25/01/2014
- RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norteamericanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Tese de doutorado.
- RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho*. Imaginário Anticomunista e Igreja católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964. Passo Fundo: EDIUPF, 1998, 148 páginas.
- SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. Comunismo e anticomunismo sob o olhar da polícia política. *Locus: de História*. Juíz de Fora, v.3, n.2, p.227-246, 2007. P.240

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil(1917-1964)* São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, 231.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978 apud VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *História, Região e Poder. A busca por interfaces metodológicas*, p.86.

SILVA, Fernando Teixeira;SANTANA, Marco Aurélio. *O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária”: PCB na redemocratização (1945-1964)*, p.119. In: FERREIRA;REIS. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As esquerdas no Brasil; v.2)

VICENT, Gérard. “Ser comunista? Uma maneira de ser”. In: Prost, Antoine; VICENT, Gérard. (orgs.) *História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.427-57.